

# O Que É Sociologia?

<b>Desenvolvendo uma perspectiva sociológica</b>			
Estudando sociologia	24	Augusto Comte	28
	25	Émile Durkheim	29
		Karl Marx	31
		Max Weber	32
<b>Como a sociologia pode ajudar em nossas vidas?</b>	26	<b>Perspectivas sociológicas mais recentes</b>	34
Consciência das diferenças culturais	27	Funcionalismo	34
Avaliando os efeitos das políticas	27	Perspectivas de conflito	35
Auto-esclarecimento	27	Perspectivas de ação social	35
<b>O desenvolvimento do pensamento sociológico</b>	27	<b>Conclusão</b>	36
Primeiros teóricos	27	Pontos principais	36

# 1



# 1: O Que É Sociologia?

**H**oje vivemos – no começo do século XXI – num mundo profundamente preocupante, porém repleto das mais extraordinárias promessas para o futuro. É um mundo inundado de mudanças, marcado por enormes conflitos, tensões e divisões sociais, como também pelo ataque destrutivo da tecnologia moderna ao ambiente natural. Mesmo assim, temos possibilidades de controlar nosso destino e moldar nossas vidas para melhor, de um modo inimaginável para as gerações anteriores.

Como esse mundo surgiu? Por que nossas condições de vida são tão diferentes daquelas de nossos pais e avós? Que direção as mudanças tomarão no futuro? Essas questões são a principal preocupação da sociologia, um campo de estudo que conseqüentemente tem um papel fundamental na cultura intelectual moderna.

A sociologia é o estudo da vida social humana, dos grupos e das sociedades. É um empreendimento fascinante e irresistível, já que seu objeto de estudo é nosso próprio comportamento como seres sociais. A abrangência do estudo sociológico é extremamente vasta, incluindo desde a análise de encontros ocasionais entre indivíduos na rua até a investigação de processos sociais globais.

A maioria de nós vê o mundo a partir de características familiares a nossas próprias vidas. A sociologia mostra a necessidade de assumir uma visão mais ampla sobre por que somos como somos e por que agimos como agimos. Ela nos ensina que aquilo que encaramos como natural, inevitável, bom ou verdadeiro, pode não ser bem assim e que os “dados” de nossa vida são fortemente influenciados por forças históricas e sociais. Entender os modos sutis, porém complexos e profundos, pelos quais nossas vidas individuais refletem os contextos de nossa experiência social é fundamental para a abordagem sociológica.

## Desenvolvendo uma perspectiva sociológica

Aprender a pensar sociologicamente – olhando – em outras palavras, de forma mais ampla – significa cultivar a imaginação. Estudar sociologia não pode ser apenas um processo rotineiro de adquirir conhecimento. Um sociólogo é alguém que é capaz de se libertar da imediatidade das circunstâncias pessoais e apresentar as coisas num contexto mais amplo. O trabalho sociológico depende daquilo que o autor norte-americano C. Wright Mills, numa frase famosa, chamou de **imaginação sociológica** (Mills, 1970).

A imaginação sociológica, acima de tudo, exige de nós que pensemos fora das rotinas familiares de nossas vidas cotidianas, a fim de que as observemos de modo renovado. Considere o simples ato de tomar uma xícara de café. O que poderíamos dizer, a partir

de um ponto de vista sociológico, sobre esse exemplo de comportamento aparentemente desinteressante? Muitas e muitas coisas.

Poderíamos assinalar, antes de tudo, que o café não é somente um refresco. Ele possui *valor simbólico* como parte de nossas atividades sociais diárias. Frequentemente, o ritual associado a beber café é muito mais importante do que o ato de consumir a bebida propriamente dita. Para muitos ocidentais, a xícara de café pela manhã ocupa o centro de uma rotina pessoal. Ela é um primeiro passo, essencial, para começar o dia. O café bebido de manhã é muitas vezes seguido depois, durante o dia, por um café em companhia de outras pessoas – a base de um ritual social. Duas pessoas que combinam de se encontrar para o café estão, provavelmente, mais interessadas em ficarem juntas e conversar do que naquilo que realmente bebem. Na realidade, comer e beber, em todas as sociedades, fornecem ocasiões para a interação social e para a encenação de rituais, oferecendo um assunto rico para o estudo sociológico.

Em segundo lugar, o café é uma *droga*, por conter cafeína, que tem um efeito estimulante sobre o cérebro. Muitas pessoas bebem café pelo “estímulo extra” que ele propicia. Dias longos no escritório e noites de estudo até tarde tornam-se mais toleráveis graças às pausas para um café. O café é uma substância que cria dependência, mas os viciados em café não são vistos pela maioria das pessoas na cultura ocidental como usuários de drogas. Como o álcool, o café é uma droga socialmente aceita, enquanto a maconha, por exemplo, não o é. No entanto, há sociedades que toleram o consumo de maconha ou, até mesmo, de cocaína, mas desaprovam o café e o álcool. Os sociólogos estão interessados no porquê da existência de tais contrastes.

Em terceiro lugar, um indivíduo que bebe uma xícara de café é apanhado numa complicada trama de *relacionamentos sociais e econômicos que se estendem pelo mundo*. O café é um produto que conecta as pessoas das mais ricas e das mais empobrecidas partes do planeta: ele é consumido em grandes quantidades em países ricos, mas é cultivado principalmente em países pobres. Ao lado do petróleo, o café é uma das mercadorias mais valiosas no comércio internacional; ele fornece a muitos países sua maior fonte de divisas externas. A produção, o transporte e a distribuição de café requerem transações contínuas entre pessoas a milhares de quilômetros de distância de seu consumidor. Estudar tais transações globais é uma importante tarefa da sociologia, uma vez que muitos aspectos de nossas vidas são agora afetados por influências e comunicações sociais em escala mundial.

Em quarto lugar, o ato de beber um café pressupõe todo um processo *passado de desenvolvimento social e econômico*. Da mesma forma que outros itens da dieta ocidental agora familiares – como chá, bananas, batatas e açúcar branco –, o café passou a ser largamente consumido somente a partir de fins do século XIX.



Uma xícara de café com os amigos é uma experiência social comum, mas o sociólogo pensará nela de maneiras inesperadas.

Embora a bebida tenha se originado no Oriente Médio, seu consumo de massa, remonta ao período de expansão ocidental, que data de um século e meio. Virtualmente, todo o café que bebemos hoje vem de áreas (América do Sul e África) que foram colonizadas por europeus; não é, portanto, de forma alguma, uma parte “natural” da dieta ocidental. O legado colonial tem tido um impacto enorme no desenvolvimento do comércio mundial de café.

Em quinto lugar, o café é um produto que permanece no centro dos debates contemporâneos sobre globalização, comércio internacional, direitos humanos e destruição ambiental. Como o café tem crescido em popularidade, ele passou a ser uma “marca\*” e ficou politizado: as decisões que os consumidores fazem sobre qual tipo de café beber e onde o adquirir têm tornado-se escolhas de estilo de vida. Os indivíduos podem escolher beber somente café orgânico, café naturalmente descafeinado ou café “comercializado honestamente” (através de esquemas que pagam integralmente os preços de mercado a pequenos produtores de café em países em desenvolvimento). Eles podem optar por ser clientes de cafeterias “independentes” em vez de cadeias “corporativas” de café, como a Starbucks.\*\* Os consumidores de café podem decidir boicotar o café vindo de certos países que violam os direitos humanos e acordos ambientais. Os sociólogos estão interessados em entender como a globalização aumenta a consciência das pessoas acerca de assuntos que vêm

ocorrendo em cantos distantes do planeta, estimulando-as a desenvolver novo conhecimento em suas próprias vidas.

### Estudando sociologia

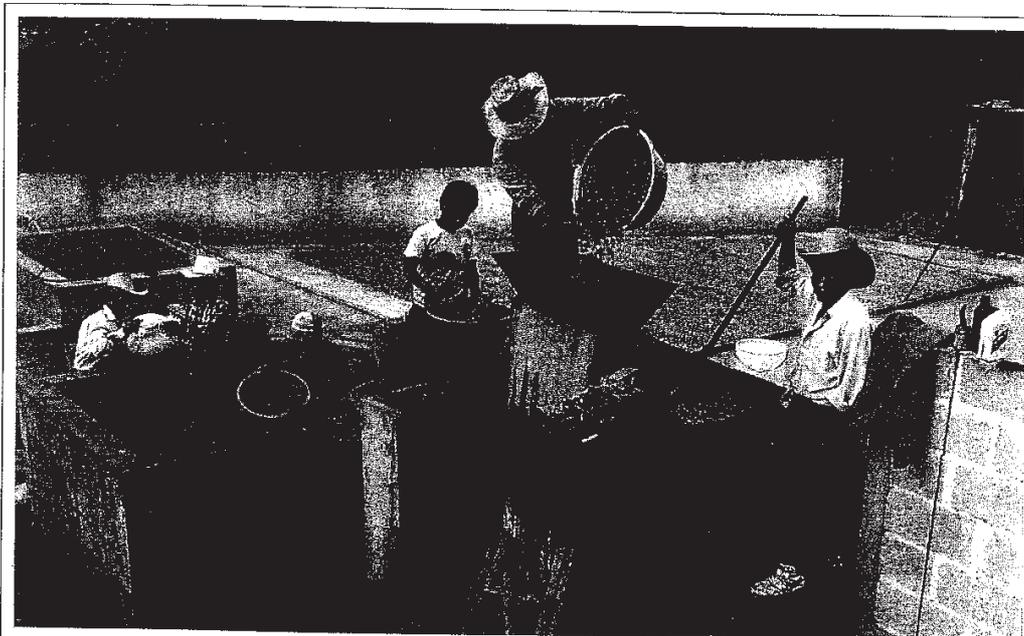
A imaginação sociológica nos permite ver que muitos eventos que parecem dizer respeito somente ao indivíduo, na verdade, refletem questões mais amplas. O divórcio, por exemplo, pode ser um processo muito difícil para alguém que passa por ele – o que Mills chama de “problema pessoal”. Mas o divórcio, assinala Mills, é também um problema público numa sociedade como a atual Grã-Bretanha, onde mais de um terço de todos os casamentos termina dentro de dez anos. O desemprego, para usar outro exemplo, pode ser uma tragédia pessoal para alguém despedido de um emprego e inapto para encontrar outro. Mesmo assim, isso vai bem além de uma questão geradora de aflição pessoal, se consideramos que milhões de pessoas numa sociedade estão na mesma situação: é um assunto público, expressando amplas tendências sociais.

Tente aplicar esse tipo de perspectiva à sua própria vida. Não é necessário pensar apenas em acontecimentos preocupantes. Considere, por exemplo, por que você está virando as páginas deste livro – por que você decidiu estudar sociologia. Você pode ser um estudante de sociologia relutante, fazendo o curso somente para preencher créditos exigidos. Ou você pode estar entusiasmado para descobrir mais sobre o assunto. Quaisquer que sejam as suas motivações, você provavelmente tem muito em comum, sem saber necessariamente, com outros que estudam sociologia. Sua decisão individual reflete sua posição numa sociedade mais vasta.

As seguintes características se aplicam a você? Você é jovem? Branco? Você vem de um background profissional ou de colarinho-branco? Você já teve, ou ainda tem, um trabalho de

\* N. de R. T. Aqui significa (*brand*) marca distinta de um tipo ou classificação, num sentido assemelhado à (*trade mark*) marca registrada (cf. *The New Shorter Oxford*. New York: Oxford University Press, v.1, p. 274)

\*\* N. de R. T. Starbucks: *Franchising* de cafeterias espalhadas pelos principais centros urbanos que se popularizou pelas variedades de cafés, de proveniências diversas bem como um estilo *yuppie* ou *cult* característico dessas formas urbanas.



O café significa o meio de vida para estes trabalhadores que estão moendo grãos para uma cooperativa de comércio justo na América do Sul.

meio-turno para aumentar seus ganhos? Você quer encontrar um bom trabalho quando terminar sua educação, mas não está especialmente empenhado em estudar? Você não sabe realmente o que é a sociologia mas acha que tem algo a ver com como as pessoas se comportam em grupos? Mais de três quartos de vocês responderão “sim” a tais questões. Estudantes universitários não são o típico da população como um todo, mas tendem a ser provenientes de ambientes mais favorecidos. E suas atitudes geralmente refletem aquelas sustentadas por amigos e conhecidos. Os ambientes sociais dos quais viemos têm muito a ver com os tipos de decisões que achamos apropriadas.

Mas suponha que você respondeu “não” a uma ou mais dessas questões. Você pode ter vindo de um grupo minoritário ou de um passado de pobreza. Você pode ser alguém de meia-idade ou mais velho. Mesmo assim, outras conclusões provavelmente se seguem. Você provavelmente teve de se esforçar para chegar onde está; talvez você tenha tido de superar reações hostis de amigos e de outros quando contou a eles que estava pretendendo ir à faculdade; ou talvez você esteja combinando ensino superior com paternidade em tempo integral.

Embora sejamos influenciados pelos contextos sociais em que nos encontramos, nenhum de nós está simplesmente *determinado* em nosso comportamento por aqueles contextos. Possuímos e criamos nossa própria individualidade. É trabalho da sociologia investigar as conexões entre *o que a sociedade faz de nós e o que fazemos de nós mesmos*. Nossas atividades tanto estruturam – modelam – o mundo social ao nosso redor como, ao mesmo tempo, são estruturadas por esse mundo social.

O conceito de **estrutura social** é importante na sociologia. Ele se refere ao fato de que os contextos sociais de nossas vidas não consistem apenas em conjuntos aleatórios de eventos ou ações; eles são estruturados ou *padronizados* de formas distintas. Há regularidades nos modos como nos comportamos e nos relacionamentos que temos uns com os outros. Mas a estrutura social não é como uma estrutura física, como um edifício que existe independentemente das ações humanas. As sociedades humanas estão sempre em processo de **estruturação**. Elas são reestruturadas a todo o momento pelos próprios “blocos de construção” que as compõem – os seres humanos como você e eu.

Como exemplo, considere novamente o caso do café. Uma xícara de café não chega a suas mãos automaticamente. Você escolhe, por exemplo, ir a determinado Café, para beber seu café preto ou café com leite, e assim por diante. Enquanto toma essas decisões, conjuntamente com milhões de outras pessoas, você dá forma ao mercado de café e afeta as vidas de produtores de café vivendo, talvez, a milhares de quilômetros de distância, do outro lado do mundo.

### Como a sociologia pode ajudar em nossas vidas?

A sociologia tem muitas implicações práticas para as nossas vidas, como enfatizou Mills ao desenvolver a sua idéia de imaginação sociológica.

## Consciência das diferenças culturais

Primeiramente, a sociologia nos permite ver o mundo social a partir de outros pontos de vista que não o nosso. Com frequência, se compreendemos propriamente como os outros vivem, também adquirimos melhor entendimento de quais são seus problemas. Políticas práticas que não são baseadas numa consciência bem-informada dos modos de vida das pessoas afetadas por elas têm poucas chances de sucesso. Assim, um assistente social branco, operando numa comunidade predominantemente negra, não ganhará a confiança de seus membros sem desenvolver uma sensibilidade às diferenças na experiência social, que, aliás, separam brancos e negros.

## Avaliando os efeitos das políticas

Em segundo lugar, a pesquisa sociológica fornece ajuda prática na *avaliação dos resultados de iniciativas políticas*. Um programa de reforma prática pode simplesmente fracassar em realizar o que seus planejadores buscavam ou pode trazer conseqüências involuntárias e desastrosas. Por exemplo, nos anos seguintes à Segunda Guerra Mundial, grandes blocos residenciais públicos foram edificadas em centros urbanos de muitos países. Eram planejados para fornecer altos padrões de acomodação a grupos de baixa renda que viviam em cortiços, oferecendo nas proximidades instalações de compras e outros serviços urbanos. Contudo, pesquisas mostraram que muitas pessoas que haviam se mudado de suas habitações anteriores para grandes blocos de edifícios sentiram-se isolados e infelizes. As altas edificações e os *shopping centers* nas áreas mais pobres dilapidaram-se e forneceram terreno fértil a assaltos e a outros crimes violentos.

## Auto-esclarecimento

Em terceiro lugar – e de certo modo, mais importante –, a sociologia pode nos fornecer auto-esclarecimento – uma maior autocompreensão. Quanto mais sabemos por que agimos como agimos e como se dá o completo funcionamento de nossa sociedade, provavelmente seremos mais capazes de influenciar nossos próprios futuros. Não deveríamos ver a sociologia como uma ciência que auxilia somente os que fazem políticas – ou seja, grupos poderosos – com o fito de tomarem decisões informadas. Não se pode supor que os que estão no poder sempre levarão em consideração, em suas políticas, os interesses dos menos poderosos ou menos privilegiados. Grupos de auto-esclarecimento podem frequentemente se beneficiar da pesquisa sociológica e responder de forma efetiva às políticas governamentais ou formar iniciativas políticas próprias. Grupos de auto-ajuda como os Alcoólicos Anônimos, ou movimentos sociais como o movimento ambiental, são exemplos de grupos sociais que têm buscado diretamente realizar reformas práticas com considerável sucesso.

## O desenvolvimento do pensamento sociológico

Quando começam a estudar sociologia pela primeira vez, muitos estudantes ficam confusos com a diversidade de abordagens que encontram. A sociologia nunca foi uma disciplina em que há um corpo de idéias que todos aceitam como válida. Os sociólogos frequentemente discutem entre si sobre como abordar o estudo do comportamento humano e sobre como os resultados das pesquisas podem ser mais bem interpretados. Por que deveria ser assim? A resposta está ligada à própria natureza da área. A sociologia diz respeito às nossas vidas e ao nosso próprio comportamento, e estudar nós mesmos é o mais complexo e difícil esforço que podemos empreender.

## Primeiros teóricos

Nós, seres humanos, sempre fomos curiosos quanto às fontes de nosso próprio comportamento, mas, por milhares de anos, as tentativas de entender a nós mesmos dependeram de modos de pensar que foram transmitidos de geração em geração. Com frequência, essas idéias foram expressas em termos religiosos ou se valearam de mitos bem-conhecidos, superstições ou crenças tradicionais. O estudo objetivo e sistemático da sociedade e do comportamento humanos é um desenvolvimento relativamente recente, cujos primórdios datam de fins do século XVIII. Um desenvolvimento-chave foi o uso da ciência para compreender o mundo – a ascensão de uma abordagem científica ocasionou uma mudança radical na perspectiva e na sua compreensão. Uma após a outra, as explicações tradicionais e baseadas na religião foram suplantadas por tentativas de conhecimento racionais e críticas.

Como a física, a química, a biologia e outras disciplinas, a sociologia surgiu como parte desse importante processo intelectual. O cenário que dá origem à sociologia foi a série de mudanças radicais introduzidas pelas “duas grandes revoluções” da Europa dos séculos XVIII e XIX. Esses eventos transformadores mudaram irreversivelmente o modo de vida que os humanos haviam mantido por milhares de anos. A Revolução Francesa de 1789 marcou o triunfo das idéias e dos valores seculares, como liberdade e igualdade, sobre a ordem social tradicional. Foi o começo de uma poderosa e dinâmica força que desde então tem se espalhado ao redor do globo e se tornado um artigo básico do mundo moderno. A segunda grande revolução começou na Grã-Bretanha, no final do século XVIII, antes de surgir alhures na Europa, na América do Norte e mais além. Foi a **Revolução Industrial** – o amplo espectro de transformações sociais e econômicas que cercaram o desenvolvimento de inovações tecnológicas, como a energia e a máquina a vapor. O surgimento da indústria levou a uma enorme migração de camponeses da terra para as fábricas e para o trabalho industrial, causando uma rápida expansão de áreas urbanas e introduzindo novas formas de relações sociais. Isso mudou dramaticamente a face do mundo social, incluindo muitos de nossos hábitos pessoais. A maioria dos alimentos que comemos e

das bebidas que bebemos – como o café – é agora produzida por meios industriais.

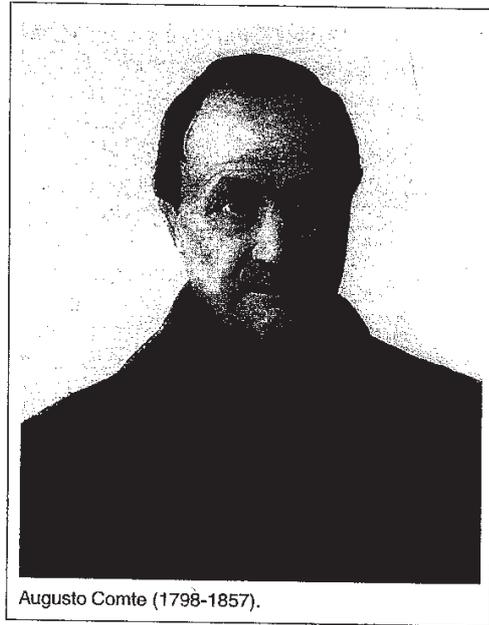
A ruptura com os modos de vida tradicionais desafiou os pensadores a desenvolverem uma nova compreensão tanto do mundo social, como do natural. Os pioneiros da sociologia foram apanhados pelos acontecimentos que cercaram essas revoluções e tentaram compreender sua emergência e conseqüências potenciais. Os tipos de questões que esses pensadores do século XIX buscavam responder – O que é a natureza humana? Por que a sociedade é estruturada da forma que é? Como e por que as sociedades mudam? – são as mesmas questões que os sociólogos tentam responder hoje em dia.

### Augusto Comte

É claro que nenhum indivíduo sozinho pode descobrir um campo inteiro de estudo, e muitos contribuíram para o pensamento sociológico no seu início. No entanto, confere-se geralmente particular proeminência ao autor francês Augusto Comte (1798-1857), sobretudo porque ele realmente inventou a palavra “sociologia”. Comte originalmente usou o termo “física social”, mas alguns de seus rivais intelectuais da época também estavam utilizando esse termo. Comte queria distinguir suas próprias concepções das dos outros, então cunhou o termo “sociologia”, a fim de descrever o assunto que ele queria estabelecer.

O pensamento de Comte refletia os eventos turbulentos de seu tempo. A Revolução Francesa introduzira mudanças significativas na sociedade, e o crescimento da industrialização estava alterando a vida tradicional da população francesa. Comte buscou criar uma ciência da sociedade que pudesse explicar as leis do mundo social da mesma forma que a ciência natural explicava o funcionamento do mundo físico. Embora Comte reconhecesse que cada disciplina científica possui seu próprio assunto, ele acreditava que todas elas compartilham uma lógica comum e um método científico direcionado a revelar leis universais. Da mesma forma que a descoberta de leis no mundo natural nos permite controlar e prever acontecimentos ao nosso redor, desvendar as leis que governam a sociedade humana poderia nos ajudar a modelar nosso destino e a melhorar o bem-estar da humanidade. Comte afirmava que a sociedade se conforma com leis invariáveis da mesma maneira que o mundo físico.

A visão sociológica de Comte foi a da ciência *positiva*. Ele acreditava que a sociologia deveria aplicar os mesmos métodos científicos rigorosos ao estudo da sociedade que a física ou a química usam no estudo do mundo físico. O positivismo sustenta que a ciência deveria estar preocupada somente com entidades observáveis que são conhecidas diretamente pela experiência. Baseando-se em cuidadosas observações sensoriais, pode-se inferir as leis que explicam a relação entre os fenômenos observados. Ao entender a relação causal entre os eventos, os cientistas podem então prever como os acontecimentos futuros ocorrerão. Uma abordagem positivista da sociologia acredita na produção de conhecimento sobre a sociedade, baseada em evidências empíricas tiradas a partir da observação, da comparação e da experimentação.



Augusto Comte (1798-1857).

A *lei dos três estágios*, de Comte, afirma que os esforços humanos para entender o mundo passaram através dos estágios teológico, metafísico e positivo. No estágio teológico, os pensamentos eram guiados por idéias religiosas e pela crença de que a sociedade era uma expressão da vontade de Deus. No estágio metafísico, que se torna proeminente aproximadamente na época da Renascença, a sociedade começa a ser vista em termos naturais, e não sobrenaturais. O estágio positivo, introduzido pelas descobertas e conquistas de Copérnico, Galileu e Newton, encorajou a aplicação de técnicas científicas no mundo social. De acordo com essa concepção, Comte considerava a sociologia como a última ciência a se desenvolver – seguindo a física, a química e a biologia –, mas como a mais significativa e complexa de todas as ciências.

Na parte mais tardia de sua carreira, Comte elaborou planos ambiciosos para a reconstrução da sociedade francesa em particular, e para as sociedades humanas em geral, baseado no seu ponto de vista sociológico. Ele propôs o estabelecimento de uma “religião da humanidade”, que abandonaria a fé e o dogma em favor de um fundamento científico. A sociologia estaria no centro dessa nova religião. Comte estava profundamente consciente do estado da sociedade na qual vivia; ele estava preocupado com as desigualdades que iam sendo produzidas pela industrialização e com a ameaça que elas colocavam à coesão social. A solução a longo prazo, em sua opinião, era a produção de um consenso moral que ajudaria a regular, ou a manter unida, a sociedade, a despeito dos novos padrões de desigualdade. Ainda que a visão de Comte para a reconstrução da sociedade nunca tenha se realizado, sua contribuição para sistematizar e unificar a ciência da sociedade foi importante para a profissionalização posterior da sociologia como uma disciplina acadêmica.

## Émile Durkheim

Os escritos de outro autor francês, Émile Durkheim (1858-1917), tiveram um impacto mais duradouro na sociologia moderna do que os de Comte. Ainda que ele se tenha valido de aspectos do trabalho de Comte, Durkheim pensava que muitas das idéias de seu predecessor eram demasiadamente especulativas e vagas e que Comte não tinha cumprido seu programa com sucesso – estabelecer a sociologia numa base científica. Durkheim via a sociologia como uma nova ciência que poderia ser usada para elucidar questões filosóficas tradicionais ao examiná-las de uma maneira empírica. Como Comte antes dele, Durkheim acreditava que precisamos estudar a vida social com a mesma objetividade com que os cientistas estudam o mundo natural. Seu famoso primeiro princípio da sociologia era “Estude fatos sociais como *coisas*!” Com isso, queria dizer que a vida social poderia ser analisada tão rigorosamente como os objetos ou os eventos na natureza.

Os escritos de Durkheim abarcaram um espectro amplo de tópicos. Três dos principais temas de que tratou foram a importância da sociologia como uma ciência empírica, a ascensão do indivíduo e a formação de uma nova ordem social, as fontes e o caráter da autoridade moral na sociedade. Encontraremos novamente as idéias de Durkheim em nossas discussões de religião, desvio comportamental e crime, trabalho e vida econômica.

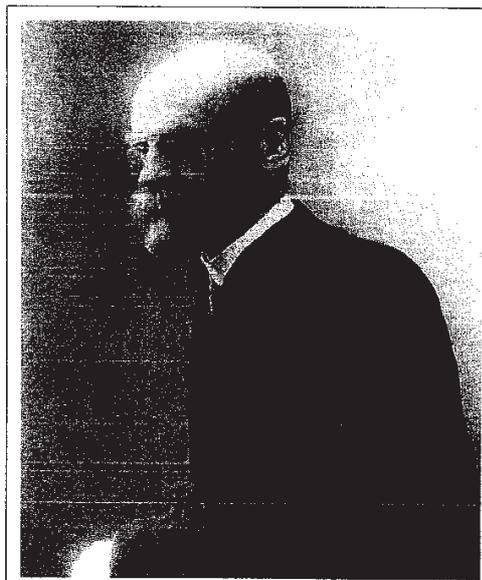
Para Durkheim, a principal preocupação intelectual da sociologia é o estudo de **fatos sociais**. Em vez de aplicar métodos sociológicos para o estudo de indivíduos, os sociólogos deveriam examinar os fatos sociais – os aspectos da vida social que modelam nossas ações como indivíduos, tais como o estado da economia ou a influência da religião. Durkheim acreditava que as sociedades têm uma realidade própria – ou seja, que a sociedade é mais do que simplesmente as ações e os interesses de seus membros individuais. De acordo com Durkheim, os fatos sociais são meios de agir, pensar ou sentir que são *externos* aos indivíduos e têm sua própria realidade fora das vidas e das percepções das pessoas individuais. Outro atributo dos fatos sociais é que eles exercem um *poder coercitivo* sobre os indivíduos. A natureza coercitiva dos fatos sociais, no entanto, não é freqüentemente reconhecida pelas pessoas como coerciva. Isso acontece porque as pessoas geralmente condescendem aos fatos sociais, acreditando que estão agindo sem escolha. De fato, como afirma Durkheim, as pessoas com freqüência simplesmente seguem padrões que são gerais à sua sociedade. Os fatos sociais podem forçar a ação humana numa diversidade de maneiras, indo da punição absoluta (no caso de um crime, por exemplo) à rejeição social (no caso de um comportamento inaceitável) e a simples incompreensão (no caso de uso inapropriado da língua).

Durkheim admitia que os fatos sociais são difíceis de se estudar. Por serem invisíveis e intangíveis, os fatos sociais não podem ser observados diretamente. Em vez disso, suas propriedades devem ser reveladas indiretamente ao se analisar os seus efeitos ou ao se considerar tentativas de dar-lhes expressão, como leis, textos religiosos ou normas escritas de conduta. Ao estudar os fatos sociais, Durkheim enfatizou a importância de se abandonar os preconceitos e a ideologia. Uma postura científi-

ca requer uma mente que está aberta à evidência dos sentidos e livre de idéias preconcebidas que vêm de fora. Durkheim sustentava que os conceitos científicos poderiam ser gerados apenas através da prática científica. Ele desafiou os sociólogos a estudar as coisas como elas realmente são e a construir novos conceitos que refletem a natureza verdadeira das *coisas sociais*.

Como os outros fundadores da sociologia, Durkheim estava preocupado com as mudanças que transformavam a sociedade durante o período de sua vida. Ele estava particularmente interessado na solidariedade social e moral – em outras palavras, o que segura a sociedade unida e a mantém afastada de descer ao caos. A solidariedade é mantida quando os indivíduos são integrados com sucesso em grupos sociais e regulados por uma gama de valores e costumes compartilhados. Em seu primeiro trabalho importante, *A Divisão do Trabalho na Sociedade* (1893), Durkheim apresentou uma análise da mudança social, argumentando que o advento da era industrial significava o surgimento de um novo tipo de solidariedade. Ao construir esse argumento, Durkheim contrastou dois tipos de solidariedade – a *mecânica* e a *orgânica* – e as relacionou com a divisão do trabalho, com o crescimento de distinções entre diferentes ocupações.

De acordo com Durkheim, culturas tradicionais com uma baixa divisão do trabalho são caracterizadas pela solidariedade mecânica. Visto que a maioria dos membros da sociedade está envolvida em ocupações similares, eles estão ligados pela experiência comum e por crenças compartilhadas. O poder dessas crenças compartilhadas é repressivo – a comunidade rapidamente pune qualquer um que desafie os modos de vida convencionais. Dessa forma, há pouco espaço para divergência individual. A solidariedade mecânica, portanto, está fundada no con-



Émile Durkheim (1858–1917).

## O estudo de Durkheim sobre o suicídio

Um dos estudos sociológicos clássicos para explorar a relação entre o indivíduo e a sociedade é a análise de Émile Durkheim sobre o suicídio (Durkheim 1952; originalmente publicado em 1897). Ainda que os humanos vejam a si mesmos como indivíduos que têm liberdade de arbítrio e de escolha, seus comportamentos são frequentemente padronizados e moldados socialmente. O estudo de Durkheim mostrou que mesmo um ato altamente pessoal como o suicídio é influenciado pelo mundo social.

Várias pesquisas tinham sido conduzidas a respeito do suicídio antes do estudo de Durkheim, mas ele foi o primeiro a insistir na explicação sociológica para o suicídio. Escritos anteriores tinham detectado a influência de fatores sociais sobre o suicídio, mas procuravam considerações como raça, clima ou desordem mental para explicar a predisposição de um indivíduo para cometer suicídio. Contudo, de acordo com Durkheim, o suicídio era um *fato social* que poderia unicamente ser explicado por outros fatores sociais. O suicídio era mais do que simplesmente o agregado de atos individuais – era um fenômeno que carregava propriedades padronizadas.

Ao examinar registros oficiais de suicídio na França, Durkheim descobriu que certas categorias de pessoas eram mais predispostas a cometer suicídio do que outras. Ele descobriu, por exemplo, que havia mais suicídios entre homens do que entre mulheres, entre protestantes em comparação a católicos, mais entre os ricos do que entre os pobres, e mais entre solteiros do que entre casados. Durkheim também notou que as taxas de suicídio tendiam a ser menores durante tempos de guerra e maiores durante tempos de mudança econômica ou instabilidade.

Essas descobertas levaram Durkheim a concluir que há fatores sociais externos ao indivíduo que afetam as taxas de suicídio. Ele relacionou sua explicação à idéia de solidariedade social e a dois tipos de laços dentro da sociedade – a integração social e a regulação social. Durkheim acreditava que as pessoas que estavam fortemente integradas em grupos sociais, e cujos desejos e aspirações eram regulados por normas sociais, eram menos predispostas a cometer suicídio. Ele identificou quatro tipos de suicídio, em concordância com a relativa presença ou ausência de integração e regulação:

Suicídios *egoísticos* são marcados pela baixa integração na sociedade e ocorrem quando um indivíduo está isolado ou quando seus laços com um grupo são enfraquecidos ou rompidos. Por exemplo, as baixas taxas de suicídio

entre católicos podem ser explicadas pela sua forte comunidade social, enquanto a liberdade pessoal e moral dos protestantes significa que eles “estão sozinhos” diante de Deus. O casamento protege contra o suicídio ao integrar o indivíduo a um relacionamento social estável, enquanto pessoas solteiras ficam mais isoladas na sociedade. A taxa menor de suicídio durante tempos de guerra, de acordo com Durkheim, pode ser vista como um sinal de aumento de integração social.

O suicídio *anômico* é causado por uma falta de regulação social. Com isso, Durkheim quis se referir às condições sociais de anomia, quando pessoas perdem a dimensão normativa devido à rápida mudança ou à instabilidade na sociedade. A perda de um ponto de referência fixo para normas e desejos – como em tempos de reviravoltas econômicas ou em disputas pessoais como o divórcio – pode abalar o equilíbrio entre as circunstâncias das pessoas e seus desejos.

O suicídio *altruístico* ocorre quando um indivíduo está “integrado demais” – os laços sociais são muito fortes – e valoriza a sociedade mais do que ele mesmo. Em tal caso, o suicídio se torna um sacrifício para o “bem maior”. Os pilotos japoneses kamikaze ou os “homens-bomba” islâmicos são exemplos de suicídios altruísticos. Durkheim via isso como uma característica de sociedades tradicionais onde a solidariedade mecânica prevalece.

O último tipo de suicídio é o suicídio *fatalista*. Embora Durkheim o visse como de pouca relevância contemporânea, ele acreditava que isso acontece quando um indivíduo é regulado demais pela sociedade. A opressão do indivíduo resulta em um sentimento de impotência diante do destino ou da sociedade.

As taxas de suicídio variam entre as sociedades, mas exibem padrões regulares dentro das sociedades através do tempo. Durkheim tomou isso como uma evidência de que há forças sociais consistentes que influenciam as taxas de suicídio. Um exame das taxas de suicídio revela como padrões sociais gerais podem ser detectados dentro de ações individuais.

Desde a publicação de *Suicídio*, muitas objeções têm sido levantadas ao estudo, particularmente quanto ao uso de estatísticas oficiais, quanto a sua dispensa de influências não-sociais no suicídio e quanto a sua insistência em classificar todos os tipos de suicídio conjuntamente. Mesmo assim, o estudo permanece um clássico e sua asserção fundamental continua: até mesmo o ato aparentemente pessoal do suicídio requer uma explicação sociológica.

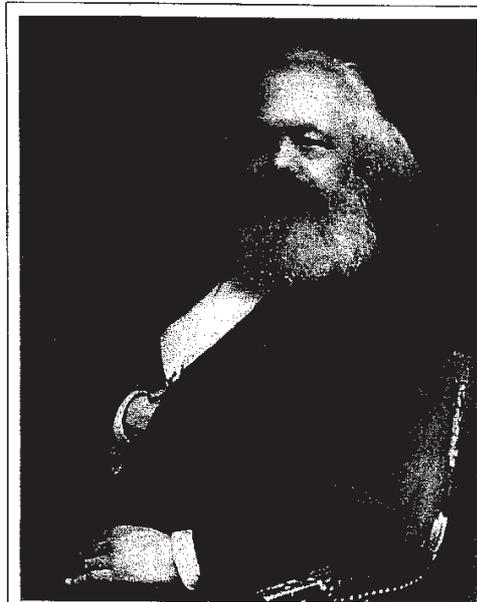
senso e na similaridade de crença. As forças de industrialização e de urbanização, contudo, levaram a uma divisão crescente do trabalho que contribuiu para o colapso dessa forma de solidariedade. A especialização de tarefas e a crescente diferenciação social em sociedades avançadas levariam a uma nova ordem, evidenciando uma solidariedade orgânica, afirmava Durkheim. As sociedades caracterizadas pela solidariedade orgânica são mantidas unidas pela interdependência econômica das pessoas e pelo reconhecimento da importância das contribuições dos outros. Como a divisão do trabalho se expande, as pessoas se tornam mais e mais dependentes umas das outras, porque cada pessoa precisa de bens e de serviços supridos por pessoas em outras ocupações. Relações de reciprocidade econômica e de dependência mútua vêm para substituir crenças comuns ao criarem consenso social.

Mesmo assim, os processos de mudança no mundo moderno são tão rápidos e intensos que originam dificuldades sociais maiores. Eles podem ter efeitos aniquiladores em estilos de vida tradicionais, em crenças morais, religiosas, e em padrões cotidianos sem fornecer novos valores claros. Durkheim ligava essas condições inquietantes à **anomia**, um sentimento de falta de objetivos ou de desespero, provocado pela vida social moderna. Os controles e os padrões morais tradicionais, que costumavam ser fornecidos pela religião, são largamente derrubados pelo desenvolvimento social moderno, e isso deixa muitos indivíduos em sociedades modernas sentindo que suas vidas cotidianas carecem de significado.

Um dos estudos mais famosos de Durkheim (ver quadro na página anterior) ocupava-se da análise do suicídio. O suicídio parece ser um ato puramente pessoal, o resultado da infelicidade pessoal extrema. Durkheim mostrou, contudo, que fatores sociais exercem uma influência fundamental no comportamento suicida – sendo que a anomia é uma dessas influências. As taxas de suicídio mostram padrões regulares ano a ano e esses padrões precisam ser explicados sociologicamente.

### Karl Marx

As idéias de Karl Marx (1818-1883) contrastam radicalmente com as de Comte e de Durkheim, mas, como esses últimos, ele buscava explicar as mudanças que estavam tendo lugar na sociedade durante a época da Revolução Industrial. Quando jovem, as atividades políticas de Marx o levaram a entrar em conflito com as autoridades alemãs; depois de breve estada na França, ele se estabeleceu permanentemente no exílio na Grã-Bretanha. Marx testemunhou o crescimento das fábricas e da produção industrial, como também das desigualdades que disso resultaram. Seu interesse no movimento trabalhista europeu e nas idéias socialistas se refletiu em seus escritos, que cobriram uma diversidade de tópicos. A maior parte do seu trabalho se concentrou em temas econômicos, mas, como estava sempre preocupado em conectar problemas econômicos a instituições sociais, seu trabalho foi, e é, rico em percepções sociológicas. Até mesmo seus mais severos críticos conside-



Karl Marx (1818-1883).

ram seu trabalho importante para o desenvolvimento da sociologia.

### Capitalismo e luta de classes

Ainda que tenha escrito sobre várias fases da história, Marx concentrou-se primeiramente na mudança em tempos modernos. Para ele, as mudanças mais importantes estavam estreitamente ligadas ao desenvolvimento do **capitalismo**. O capitalismo é um sistema de produção que contrasta radicalmente com os sistemas econômicos anteriores da história, já que envolve a produção de mercadorias e de serviços vendidos a uma ampla faixa de consumidores. Marx identificava dois elementos principais dentro das empresas capitalistas. O primeiro é o *capital* – qualquer bem, incluindo dinheiro, máquinas ou mesmo fábricas, que possa ser usado ou investido para produzir bens futuros. A acumulação de capital anda de mãos dadas com o segundo elemento, a *mão-de-obra assalariada*. A mão-de-obra assalariada se refere ao conjunto de trabalhadores que não possuem os meios de sua sobrevivência, mas precisam encontrar emprego fornecido pelos detentores do capital. Marx acreditava que aqueles que detêm o capital, os *capitalistas*, formam uma classe dominante, enquanto a massa da população constitui uma classe de trabalhadores assalariados, ou uma classe operária. Como a industrialização se espalhava, um grande número de camponeses que antes se sustentava trabalhando a terra mudou-se para as cidades que cresciam e ajudou a formar uma classe operária industrial urbana. Essa classe operária é também referida como o *proletariado*.

De acordo com Marx, o capitalismo é inerentemente um sistema de classe no qual as relações de classe são caracterizadas pelo conflito. Ainda que os detentores do capital e os trabalhadores sejam dependentes um do outro – os capitalistas precisam de mão-de-obra e os trabalhadores precisam de salários –, a dependência é altamente desequilibrada. A relação entre classes é de exploração, uma vez que os trabalhadores têm pouco ou nenhum controle sobre o seu trabalho, e os empregadores são capazes de gerar lucro ao se apropriar do produto do trabalho dos operários. Marx acreditava que o conflito de classes em função dos recursos econômicos tornar-se-ia mais agudo com o passar do tempo.

### *Mudança social: a concepção materialista da história*

O ponto de vista de Marx estava fundado no que ele chamava de *concepção materialista da história*. De acordo com essa concepção, não são as idéias ou os valores que os seres humanos guardam que são as principais fontes da mudança social. Em vez disso, a mudança social é estimulada primeiramente por influências econômicas. Os conflitos de classes proporcionam a motivação para o desenvolvimento histórico – eles são o “motor da história”. Nas palavras de Marx: “Toda a história humana até aqui é a história das lutas de classe”. Ainda que Marx concentrasse grande parte de sua atenção no capitalismo e na sociedade moderna, ele também examinou como as sociedades haviam se desenvolvido ao longo do curso da história. De acordo com Marx, os sistemas sociais fazem a transição de um modo de produção a outro – algumas vezes gradualmente e algumas vezes através da revolução – como resultado de contradições em suas economias. Ele destacou a progressão de estágios históricos, que começou com primitivas sociedades comunais de caçadores e coletores e passou através de antigos sistemas escravistas e sistemas feudais baseados na divisão entre proprietários de terra e servos. O aparecimento de mercadores e artesãos marcou o início de uma classe comercial ou capitalista que veio para substituir a nobreza proprietária de terras. Em concordância com essa concepção de história, Marx argumentou que, da mesma forma que os capitalistas tinham se unido para depor a ordem feudal, os capitalistas também seriam suplantados e uma nova ordem seria instalada.

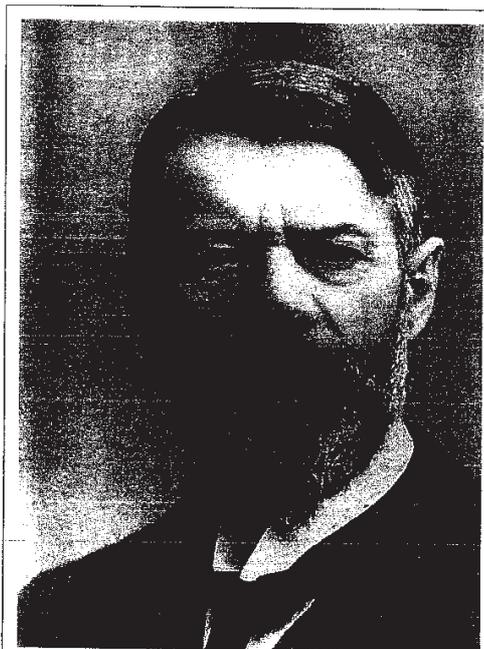
Marx acreditava na inevitabilidade de uma revolução dos trabalhadores, que poderia derrubar o sistema capitalista e introduzir uma nova sociedade na qual não haveria classes – nem divisões em larga escala entre ricos e pobres. Ele não queria dizer que todas as desigualdades entre os indivíduos desapareceriam. Ao contrário, a sociedade não seria mais dividida entre uma pequena classe que monopoliza o poder econômico e político e uma grande massa de pessoas que pouco se beneficia com a riqueza que seu trabalho cria. O sistema econômico se encontraria sob a propriedade comunal e uma sociedade mais humana do que esta que conhecemos no presente seria estabelecida. Marx acreditava que, na sociedade do futuro, a produção seria mais avançada e eficiente do que a produção sob o capitalismo.

O trabalho de Marx teve um efeito de longo alcance no mundo do século XX. Até recentemente, mais de um terço da população mundial vivia em sociedades como as da União Soviética e as dos países da Europa Oriental, cujos governos afirmavam tirar sua inspiração das idéias de Marx.

### Max Weber

Como Marx, Max Weber (1864-1920) não pode simplesmente ser rotulado como sociólogo: seus interesses e preocupações se estenderam através de muitas áreas. Nascido na Alemanha, onde passou a maior parte de sua carreira acadêmica, Weber era um indivíduo de amplo conhecimento. Seus escritos cobriram os campos da economia, do direito, da filosofia e da história comparativa, como também da sociologia. Muito do seu trabalho também estava relacionado com o desenvolvimento do capitalismo moderno e com os modos nos quais a sociedade moderna era diferente das primeiras formas de organização social. Através de uma série de estudos empíricos, Weber apontou algumas das características básicas das sociedades industriais modernas e identificou debates-chave, do ponto de vista sociológico, que permanecem centrais para os sociólogos até hoje.

Em comum com outros pensadores de seu tempo, Weber procurava entender a natureza e as causas da mudança social. Ele foi influenciado por Marx, mas também era extremamente crítico com algumas das principais concepções de Marx. Weber rejeitou a concepção materialista da história e viu o conflito de classes como menos relevante do que para Marx. Na con-



Max Weber (1864-1920).

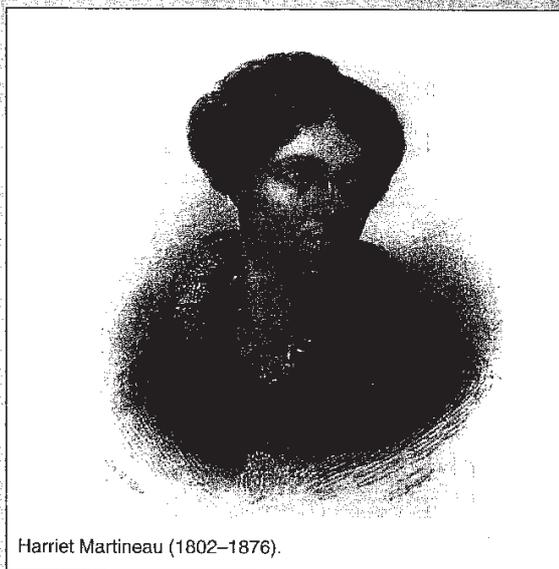
## Uma fundadora negligenciada

Embora Comte, Durkheim, Marx e Weber sejam, sem dúvida, figuras fundadoras na sociologia, havia outros pensadores importantes do mesmo período cujas contribuições devem também ser levadas em conta. A sociologia, como muitas áreas acadêmicas, não correspondeu sempre à expectativa de reconhecer a importância de cada pensador cujo trabalho tenha mérito intrínseco. Poucas mulheres ou membros de minorias raciais tiveram a oportunidade de se tornar sociólogos profissionais durante o período "clássico" de fins do século XIX e início do século XX. Além disso, os poucos que tiveram a oportunidade de fazer pesquisa sociológica de importância duradoura têm sido freqüentemente negligenciados. Pessoas como Harriet Martineau merecem a atenção dos sociólogos hoje em dia.

### Harriet Martineau

Harriet Martineau (1802-1876) tem sido chamada a "primeira socióloga mulher", mas, como Marx e Weber, não pode ser tomada simplesmente como uma socióloga. Ela nasceu e foi educada na Inglaterra e foi a autora de mais de 50 livros, como também de numerosos ensaios. Martineau agora recebe o crédito de ter introduzido a sociologia na Grã-Bretanha através de sua tradução do tratado fundador da disciplina, *Filosofia Positiva*, de Comte (Rossi, 1973). Além disso, Martineau realizou um estudo sistemático original da sociedade norte-americana durante suas extensas viagens através dos Estados Unidos nos anos de 1830, que é o tema de seu livro *Sociedade na América*. Martineau é relevante para os sociólogos hoje por diversas razões. Primeiramente, ela afirmou que, quando se estuda a sociedade, se deve concentrar em todos os seus aspectos, incluindo instituições-chave políticas, religiosas e sociais. Em segundo lugar, ela insistiu em que uma análise da sociedade deve incluir um entendimento

da vida das mulheres. Em terceiro lugar, ela foi a primeira a dirigir um olhar social a questões anteriormente ignoradas, incluindo o casamento, as crianças, a vida doméstica e religiosa, e relações de raça. Como escreveu certa vez: "O berço, o *boudoir* e a cozinha são todas excelentes escolas para aprender a moral e as maneiras das pessoas" (Martineau, 1962, p.53). Finalmente, ela afirmou que os sociólogos deveriam fazer mais do que apenas observar, eles deviam também atuar de forma a beneficiar a sociedade. Como resultado, Martineau foi uma proponente ativa tanto dos direitos das mulheres como da emancipação dos escravos.



Harriet Martineau (1802-1876).

cepção de Weber, os fatores econômicos são importantes, mas as idéias e os valores têm exatamente o mesmo impacto na mudança social. Ao contrário de outros pensadores sociológicos anteriores, Weber acreditava que a sociologia deveria se concentrar na *ação social* e não nas estruturas. Ele sustentava que as motivações e idéias humanas eram as forças por detrás da mudança – idéias, valores e crenças tinham o poder de ocasionar transformações. De acordo com Weber, os indivíduos têm a habilidade de agir livremente e de moldar o futuro. Ele não acreditava, como Durkheim e Marx, que as estruturas existiam externa ou independentemente dos indivíduos. Ao contrário, as estruturas na sociedade eram formadas por uma complexa interação de ações. Era o trabalho da sociologia compreender os significados por trás daquelas ações.

Alguns dos escritos mais influentes de Weber refletiram essa preocupação com a ação social ao analisar a distinção da sociedade ocidental quando comparada com outras grandes civilizações. Ele estudou as religiões da China, da Índia e do Oriente Próximo e, no decorrer dessas pesquisas, fez grandes contribuições à sociologia da religião. Comparando os principais sistemas religiosos na China e na Índia com aqueles do Ocidente, Weber concluiu que certos aspectos das crenças cristãs influenciaram fortemente o surgimento do capitalismo. Essa perspectiva não surgiu, como Marx supunha, somente de mudanças econômicas. Na concepção de Weber, idéias e valores culturais ajudam a modelar a sociedade e modelam nossas ações individuais.

Um elemento importante na perspectiva sociológica de Weber era a idéia de **tipo ideal**. Tipos ideais são modelos con-

ceituais ou analíticos que podem ser usados para compreender o mundo. No mundo real, os tipos ideais raramente ou nem sequer existem – frequentemente, apenas alguns de seus atributos estarão presentes. Contudo, essas construções hipotéticas podem ser muito úteis, já que qualquer situação no mundo real pode ser compreendida ao compará-la a um tipo ideal. Dessa forma, tipos ideais servem como um ponto fixo de referência. É importante apontar que, por tipo “ideal”, Weber não queria dizer que tal concepção fosse um objetivo perfeito ou desejável. Ao contrário, com isso significa uma forma “pura” de um certo fenômeno. Weber utilizava tipos ideais em seus escritos sobre formas de burocracia e sobre o mercado.

### Racionalização

Na concepção de Weber, o surgimento da sociedade moderna foi acompanhado por mudanças importantes em modelos de ação social. Ele acreditava que as pessoas estavam se afastando das crenças tradicionais fundadas em superstição, na religião, no costume e em hábitos ancestrais. Ao contrário, os indivíduos estavam cada vez mais se pautando em avaliações racionais, instrumentais, que levavam em consideração a eficiência e as consequências futuras. Na sociedade industrial, havia pouco espaço para sentimentos e para fazer coisas pela simples razão de terem sido reinteradas por gerações. O desenvolvimento da ciência, da tecnologia moderna e da burocracia foi descrito por Weber coletivamente como racionalização – a organização da vida econômica e social de acordo com os princípios de eficiência e na base do conhecimento técnico. Se em sociedades tradicionais, a religião e os costumes muito antigos definiam amplamente as atitudes e os valores das pessoas, a sociedade moderna foi marcada pela racionalização de mais e mais áreas da vida, desde a política até a religião e a atividade econômica.

Na concepção de Weber, a Revolução Industrial e a ascensão do capitalismo foram prova de uma forte tendência em direção à racionalização. O capitalismo não é dominado pelo conflito de classe, como acreditava Marx, mas pela ascensão da ciência e da burocracia – organizações de larga escala. Weber via o caráter científico do Ocidente como um de seus traços mais distintivos. A burocracia, o único modo de organizar um grande número de pessoas efetivamente, expande-se com o crescimento econômico e político. Weber usou o termo *desencantamento* para descrever a maneira pela qual o pensamento científico no mundo moderno havia varrido as forças da sentimentalidade do passado.

No entanto, Weber não estava inteiramente otimista quanto à consequência da racionalização. Ele temia a sociedade moderna como um sistema que esmagaria o espírito humano ao tentar regular todas as esferas da vida social. Weber estava particularmente preocupado pelos efeitos potencialmente sufocantes e desumanizantes da burocracia e suas implicações no destino da democracia. A agenda do Iluminismo do século XVIII, de progresso crescente, de riqueza e de felicidade por meio da rejeição do costume e da superstição em favor da ciência e da tecnologia, produz, por si só, perigos.

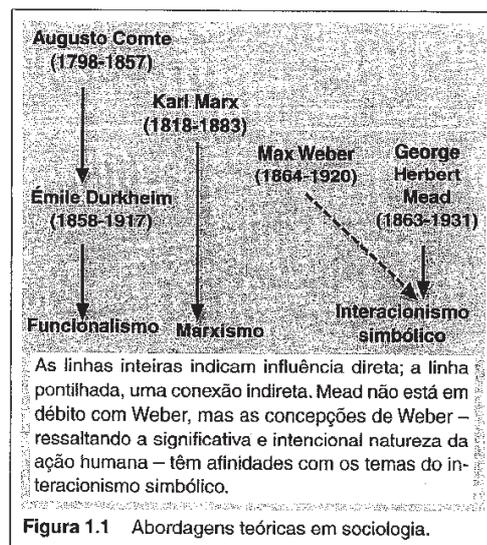
## Perspectivas sociológicas mais recentes

Os primeiros sociólogos tinham o desejo comum de dar sentido às sociedades em mudança nas quais viviam. Contudo, eles queriam fazer mais do que simplesmente descrever e interpretar os eventos decisivos de seu tempo. Mais do que isso, buscavam desenvolver modos de estudar o mundo social que pudessem explicar o funcionamento das sociedades em geral e a natureza da mudança social. Mas como vimos, Durkheim, Marx e Weber empregaram abordagens muito diferentes em seus estudos do mundo social. Por exemplo, onde Durkheim e Marx se concentraram no poder de forças externas ao indivíduo, Weber tomou como seu ponto de partida a habilidade dos indivíduos em agir criativamente sobre o mundo exterior. No aspecto em que Marx assinalou a predominância das questões econômicas, Weber considerou uma gama muito mais ampla de fatores como relevante. Tais diferenças de abordagem persistiram através da história da sociologia. Mesmo quando os sociólogos concordam com o tema de análise, eles frequentemente tomam essa análise a partir de diferentes perspectivas teóricas.

Três das mais importantes e recentes perspectivas teóricas, o *funcionalismo*, a *abordagem de conflito* e o *interacionismo simbólico*, têm conexões diretas com Durkheim, Marx e Weber, respectivamente (ver a Figura 1.1, a seguir). Você encontrará, do começo ao fim deste livro, argumentos e idéias que se aproximam e ilustram essas abordagens teóricas.

### Funcionalismo

O **funcionalismo** sustenta que a sociedade é um sistema complexo cujas diversas partes trabalham conjuntamente para produzir estabilidade e solidariedade. De acordo com essa abordagem, a disciplina de sociologia deveria investigar a relação das



partes da sociedade umas com as outras e com a sociedade como um todo. Podemos analisar as crenças e os costumes religiosos de uma sociedade, por exemplo, mostrando como eles se relacionam com outras instituições dentro da sociedade, pois as diferentes partes de uma sociedade se desenvolvem em relação íntima umas com as outras.

Estudar a função de uma prática ou instituição social é analisar a contribuição que essa prática ou instituição dá para a continuação da sociedade. Com frequência, os funcionalistas, incluindo Comte e Durkheim, usam uma *analogia orgânica* para comparar a operação da sociedade com aquela de um organismo vivo. Eles assinalam que as partes da sociedade trabalham juntas, da mesma forma que as várias partes do corpo humano, para o benefício da sociedade como um todo. Para estudar um órgão corporal como o coração, precisamos mostrar como ele se relaciona com outras partes do corpo. Ao bombear sangue através do corpo, o coração desempenha um papel vital na continuação da vida do organismo. De forma semelhante, analisar a função de um item social significa mostrar a parte que ele representa na existência continuada e na saúde de uma sociedade.

O funcionalismo enfatiza a importância do *consenso moral* para se manter a ordem e a estabilidade na sociedade. O consenso moral existe quando a maioria das pessoas na sociedade compartilha os mesmos valores. Os funcionalistas vêem a ordem e o equilíbrio como o estado normal da sociedade – esse equilíbrio social é baseado na existência de um consenso moral entre os membros da sociedade. Por exemplo, Durkheim acreditava que a religião reafirma a adesão das pessoas a valores sociais essenciais, responsável pela manutenção da coesão social.

Por muito tempo, o pensamento funcionalista foi provavelmente a tradição teórica dominante na sociologia, principalmente nos Estados Unidos. Talcott Parsons e Robert Merton, ambos se baseando extensivamente em Durkheim, foram dois de seus mais proeminentes adeptos. Nos últimos anos, a popularidade do funcionalismo começou a diminuir, à medida que suas limitações começaram a se tornar aparentes. Uma crítica comum ao funcionalismo é a de que ele enfatiza desnecessariamente fatores que conduzem à coesão social, às custas daqueles que produzem divisão e conflito. O enfoque na estabilidade e na ordem significa que divisões ou desigualdades na sociedade – baseadas em fatores como classe, raça e gênero – estão minimizadas. Há igualmente menor ênfase no papel da ação criativa social dentro da sociedade. Tem parecido a muitos críticos que a análise funcional atribui às sociedades qualidades sociais que elas não possuem. Os funcionalistas freqüentemente escreveram como se as sociedades tivessem “necessidades” e “propósitos”, ainda que esses conceitos fizessem sentido somente quando aplicados a seres humanos individuais.

### Perspectivas de conflito

Como os funcionalistas, os sociólogos que empregam **teorias de conflito** enfatizam a importância de estruturas dentro da sociedade. Eles também antecipam um “modelo” abrangente para explicar como a sociedade funciona. No entanto, os teóricos

de conflito rejeitam a ênfase funcionalista no consenso. Em vez disso, destacam a importância das divisões na sociedade. Ao fazê-lo, concentram-se em questões de poder, desigualdade e luta. Eles tendem a ver a sociedade como sendo composta de grupos distintos que perseguem seus próprios interesses. A existência de interesses separados significa que o potencial para conflito está sempre presente e que certos grupos se beneficiarão mais do que outros. Os teóricos de conflito examinam as tensões entre grupos dominantes e desfavorecidos dentro da sociedade e buscam compreender como as relações de controle são estabelecidas e perpetuadas.

Muitos teóricos de conflito remontam suas concepções aos escritos de Marx, cuja obra enfatizou o conflito de classe, mas alguns também foram influenciados por Weber. Um bom exemplo é o sociólogo contemporâneo alemão Ralf Dahrendorf (1929–). Em sua obra agora clássica, *Classe e Conflito de Classe na Sociedade Industrial* (1959), Dahrendorf argumenta que os pensadores funcionalistas consideram somente um lado da sociedade – aqueles aspectos da vida social em que há harmonia e concordância. Tão importante quanto isso, ou ainda mais, são as áreas marcadas pelo conflito e divisão. O conflito, afirma Dahrendorf, surge principalmente dos interesses diferentes que os indivíduos e os grupos têm. Marx via as diferenças de interesse principalmente em termos de classes, mas Dahrendorf os relaciona mais amplamente à autoridade e ao poder. Em todas as sociedades há uma divisão entre aqueles que mantêm a autoridade e aqueles que são largamente excluídos dela, entre os que fazem regras e os que obedecem a elas.

### Perspectivas de ação social

Se as perspectivas funcionalista e de conflito enfatizam as estruturas que servem de apoio à sociedade e influenciam o comportamento humano, as teorias de ação social dão maior atenção à ação e à interação dos membros da sociedade ao formar aquelas estruturas. Considera-se aqui que o papel da sociologia é abarcar o significado da ação social e da interação mais do que explicar quais forças externas às pessoas induzem-nas a agir da forma que agem. Se o funcionalismo e as perspectivas de conflito promovem modelos de como a sociedade como um todo opera, as teorias de ação social se concentram na análise de como os agentes individuais se comportam ou se orientam com respeito a cada um e à sociedade.

Weber é freqüentemente apontado como o mais antigo defensor das perspectivas de ação social. Ainda que reconhecesse a existência das estruturas sociais – como classes, partidos, grupos de *status* e outros –, ele sustentava que essas estruturas foram criadas através de ações sociais de indivíduos. Esse ponto de vista foi mais sistematicamente desenvolvido dentro do *interacionismo simbólico*, uma escola de pensamento que se tornou particularmente proeminente nos Estados Unidos. O interacionismo simbólico foi apenas indiretamente influenciado por Weber. Suas origens mais diretas estavam no trabalho do filósofo norte-americano G.H. Mead (1863-1931).

### Interacionismo simbólico

O **interacionismo simbólico** surge de uma preocupação com a linguagem e com o significado. Mead sustenta que a linguagem permite que nos tornemos seres autoconscientes – cōncios de nossa própria individualidade e capazes de nos vermos a partir de fora, como os outros nos vêem. O elemento-chave nesse processo é o **símbolo**. Um símbolo é algo que representa outra coisa. Por exemplo, as palavras que usamos para nos referirmos a certos objetos são de fato símbolos que representam o que queremos dizer. A palavra “colher” é o símbolo que usamos para descrever o utensílio que usamos para tomar sopa. Gestos ou formas de comunicação não-verbais são também símbolos. Acenar para alguém ou fazer um gesto rude tem valor simbólico. Mead argumentava que os humanos dependem de símbolos e de conhecimentos compartilhados em suas interações uns com os outros. Visto que os seres humanos vivem num universo ricamente simbólico, virtualmente todas as interações entre indivíduos humanos envolvem uma troca de símbolos.

O interacionismo simbólico dirige nossa atenção ao detalhe da interação interpessoal e a como esse detalhe é usado para dar sentido ao que os outros dizem e fazem. Os sociólogos influenciados pelo interacionismo simbólico freqüentemente se concentram na interação face a face nos contextos da vida cotidiana. Eles destacam o papel de tal interação em criar a sociedade e suas instituições.

Embora a perspectiva do interacionismo simbólico possa contribuir para a percepção profunda da natureza de nossas ações no decorrer da vida social cotidiana, ele tem sido criticado por ignorar as questões maiores do poder e da estrutura dentro da sociedade e como eles servem para restringir a ação individual.

### Pontos Principais

1. A sociologia pode ser identificada como o estudo sistemático das sociedades humanas, dando ênfase especial a sistemas modernos e industrializados.
2. A prática da sociologia envolve a habilidade de pensar imaginativamente e afastar-se de idéias preconcebidas sobre a vida social.
3. A sociologia é uma disciplina com importantes implicações práticas. Ela pode contribuir para a crítica social e para a reforma social prática de várias formas. Para começar, a compreensão aperfeiçoada de um dado cenário de circunstâncias sociais freqüentemente nos dá uma melhor chance de controlá-las. Ao mesmo tempo, a sociologia nos fornece os meios de aumentar nossas sensibilidades culturais, permitindo que as políticas se baseiem em uma consciência de valores culturais divergentes. Em termos práticos, podemos investigar as conseqüências da adoção de programas políticos particulares. Finalmente, e talvez mais importante, a sociologia fornece auto-esclarecimento, oferecendo aos grupos e aos indivíduos uma oportunidade aperfeiçoada de alterar as condições de suas próprias vidas.
4. A sociologia surgiu como uma tentativa de entender as mudanças abrangentes que ocorreram nas sociedades humanas no decorrer dos dois ou três últimos séculos. As mu-

### Conclusão

A sociologia, como vimos, abrange uma variedade de concepções teóricas. Algumas vezes, o desacordo entre as posições teóricas é bastante radical. Mas essa diversidade é muito mais um sinal da força e da vitalidade do assunto do que de sua fraqueza.

Todos os sociólogos concordam que a sociologia é uma disciplina na qual deixamos de lado nossa visão pessoal do mundo para olhar mais cuidadosamente para as influências que modelam nossas vidas e as dos outros. A sociologia surgiu como um empreendimento intelectual distinto com o desenvolvimento das sociedades modernas, e o estudo de tais sociedades permanece sua preocupação principal. Mas os sociólogos também estão preocupados com uma gama ampla de questões sobre a natureza da interação social e das sociedades humanas em geral.

A sociologia não é apenas um campo intelectual abstrato, mas tem implicações práticas mais importantes para a vida das pessoas. Aprender a tornar-se um sociólogo não deveria ser um esforço acadêmico enfadonho! A melhor forma de se ter certeza de que se evitou isso é abordar o assunto de um modo imaginativo e relacionar idéias e achados sociológicos a situações em sua própria vida.

Uma forma de fazer isso é estar consciente das diferenças entre modos de vida que nós, nas sociedades modernas, tomamos por normais e aqueles de outros grupos humanos. Ainda que os seres humanos tenham muito em comum, há muitas variações entre diferentes sociedades e culturas. Investigamos essas semelhanças e diferenças no próximo capítulo, “Cultura e Sociedade”.

danças envolvidas não são apenas as de larga escala; elas também envolvem mudanças nas mais íntimas e pessoais características das vidas das pessoas.

5. Entre os clássicos fundadores da sociologia, quatro figuras são particularmente importantes: Augusto Comte, Karl Marx, Émile Durkheim e Max Weber. Comte e Marx, trabalhando em meados do século XIX, estabeleceram alguns dos temas principais da sociologia, mais tarde detalhados por Durkheim e Weber. Esses temas dizem respeito à natureza da sociologia e ao impacto das mudanças trazidas pela modernização no mundo social.
6. Uma diversidade de abordagens teóricas é encontrada na sociologia. Disputas teóricas são difíceis de resolver mesmo nas ciências naturais, e na sociologia enfrentamos dificuldades especiais por causa de problemas complexos ligados ao fato de submetermos nosso próprio comportamento ao estudo.
7. As principais abordagens teóricas na sociologia são o funcionalismo, as perspectivas de conflito e o interacionismo simbólico. Há algumas diferenças básicas entre cada uma delas, diferenças que têm influenciado fortemente o desenvolvimento da disciplina no decorrer do período pós-guerra.

# Cultura e Sociedade

## 2

<b>O conceito de cultura</b>	38	<b>O mundo moderno: sociedades industriais</b>	47
Valores e normas	38	<b>Desenvolvimento global</b>	49
Diversidade cultural	39	<b>Mudança social</b>	53
Etnocentrismo	40	Influências sobre a mudança social	53
<b>Socialização</b>	42	Mudança no período moderno	55
Papéis sociais	43	<b>Conclusão</b>	56
Identidade	43	Pontos principais	56
<b>Tipos de sociedade</b>	44	Questões para reflexão	57
Um mundo em extinção: as sociedades pré-modernas e seu destino	45	Leitura complementar	57
		Endereços na internet	58



## 2: Cultura e Sociedade

Neste capítulo, veremos a unidade e a diversidade da vida e da cultura humanas e os vários tipos de sociedade em que os homens vivem. O conceito de **cultura** está entre as noções mais usadas na sociologia. Quando pensamos na palavra “cultura”, em conversas comuns do cotidiano, freqüentemente a vemos como equivalente a “coisas mais elevadas da mente” – à arte, à literatura, à música e à pintura. Da maneira como os sociólogos usam o termo, ele inclui tais atividades e ainda muito mais. A cultura refere-se às formas de vida dos membros de uma sociedade ou de grupos dentro da sociedade. Inclui como eles se vestem, seus costumes matrimoniais e vida familiar, seus padrões de trabalho, cerimônias religiosas e ocupações de lazer.

A “cultura” pode ser conceitualmente diferenciada de “sociedade”, mas há conexões muito próximas entre essas noções. Uma sociedade é um sistema de inter-relações que conecta os indivíduos uns com os outros. A Grã-Bretanha, a França e os Estados Unidos são sociedades nesse sentido. Incluem milhões de pessoas. Outras, como as primeiras sociedades de caçadores e coletores, podem ser tão pequenas quanto 30 ou 40 pessoas. Todas as sociedades são unidas pelo fato de que seus membros são organizados em relações sociais estruturadas, de acordo com uma cultura única. Nenhuma cultura poderia existir sem sociedades. Mas, igualmente, nenhuma sociedade poderia existir sem cultura. Sem cultura, não seríamos sequer “humanos”, no sentido em que comumente entendemos esse termo. Não teríamos línguas em que nos expressar, nenhuma noção de autoconsciência e nossa habilidade de pensar ou raciocinar seria severamente limitada.

As variações culturais entre os seres humanos são ligadas a diferentes tipos de sociedade; neste capítulo, compararemos e contrastaremos as principais formas de sociedade encontradas na história. O propósito de fazer isso é o de conectar de forma mais próxima os dois aspectos da existência social humana – os diferentes valores culturais e produtos que os seres humanos desenvolveram, e os tipos contrastantes de sociedade em que ocorreu o desenvolvimento cultural. Com muita freqüência, a cultura é discutida separadamente da sociedade como se as duas fossem um tanto dissociadas. De fato, elas são estreitamente unidas. Ao longo deste capítulo, concentraremos nossa atenção em como a mudança social afetou o desenvolvimento cultural humano. Nas seções finais, examinaremos alguns fatores que contribuem para a mudança social e investigaremos as mudanças particularmente profundas que ocorreram na era moderna.

### O conceito de cultura

Quando os sociólogos se referem à cultura, estão preocupados com aqueles aspectos da sociedade humana que são antes aprendidos do que herdados. Esses elementos culturais são comparti-

lhados por membros da sociedade e tornam possível a cooperação e a comunicação. Formam o contexto comum em que os indivíduos numa sociedade vivem as suas vidas. A cultura de uma sociedade compreende tanto aspectos intangíveis – as crenças, as idéias e os valores que formam o conteúdo da cultura – como também aspectos tangíveis – os objetos, os símbolos ou a tecnologia que representam esse conteúdo.

### Valores e normas

Fundamentais a todas as culturas são as idéias que definem o que é considerado importante, válido e desejável. Essas idéias abstratas ou valores dão sentido e fornecem direção aos humanos enquanto estes interagem com o mundo social. A monogamia – ser fiel a um único parceiro sexual – é um exemplo de um valor que é proeminente na maioria das sociedades ocidentais. **Normas** são regras de comportamento que refletem ou incorporam os valores de uma cultura. Os valores e as normas trabalham em conjunto para moldar a forma como os membros de uma cultura se comportam dentro de seus limites. Por exemplo, em culturas que valorizam altamente o conhecimento, normas culturais encorajariam os estudantes a devotarem grande energia ao estudo e apoiariam os pais a fim de fazerem sacrifícios para a educação das crianças. Numa cultura que dá muito valor à hospitalidade, as normas culturais devem orientar as expectativas quanto a cortesias ou quanto a comportamentos sociais de convidados e anfitriões.

Os valores e as normas variam enormemente através das culturas. Algumas culturas valorizam altamente o individualismo, enquanto outras podem colocar maior ênfase em necessidades em comum. Um simples exemplo torna isso claro. A maioria dos alunos na Grã-Bretanha se sentiria ultrajado em encontrar outro estudante “colando” em um exame. Na Grã-Bretanha, copiar do trabalho de outra pessoa vai contra valores centrais de realização individual, de igualdade de oportunidade, de trabalho duro e de respeito às “regras”. Estudantes russos, contudo, ficariam perplexos com esse sentimento de ultraje entre seus pares britânicos. Ajudar um ao outro a passar em um exame reflete o valor que os russos dão à igualdade e à solução coletiva de problemas diante da autoridade. Pense na sua própria reação a esse exemplo. O que isso diz a respeito dos valores de sua sociedade?

Mesmo dentro de uma sociedade ou comunidade, os valores podem ser contraditórios: alguns grupos ou indivíduos podem valorizar crenças religiosas tradicionais, enquanto outros podem enfatizar o progresso e a ciência. Enquanto algumas pessoas preferem conforto material e sucesso, outras podem preferir a simplicidade e uma vida tranqüila. Em nossa época de mudanças, tomada pelo movimento global das pessoas, das idéias, dos bens e da informação, não é surpreendente que encontremos exemplos de valores culturais em conflito.

### Valores e normas culturais em mudança

Os valores culturais e as normas frequentemente mudam através do tempo. Muitas normas que consideramos hoje naturais em nossas vidas pessoais – como relações sexuais pré-matrimoniais e casais vivendo juntos sem estarem casados – contradiziam valores comumente sustentados há poucas décadas. Os valores que orientam nossos relacionamentos íntimos evoluíram gradual e naturalmente no decorrer de muitos anos (ver Capítulo 7, “As Famílias”). Mas, e quanto a casos em que as normas e os comportamentos culturais são alterados de forma deliberada?

Em janeiro de 2000, uma comissão do governo japonês publicou um relatório que resumiu as principais metas para o Japão no século XXI. Diante da recessão econômica, do crescimento das taxas de criminalidade e do alto desemprego, a comissão foi formada pelo primeiro-ministro e recebeu a tarefa de planejar um novo rumo para o país nas décadas seguintes. As principais descobertas da comissão surpreenderam muitas pessoas: os cidadãos japoneses precisam perder seu apego a alguns de seus valores principais se o país quiser enfrentar as suas atuais mazelas sociais com sucesso. A comissão concluiu que a cultura japonesa dá valor demais à conformidade e à igualdade e apontou a necessidade de ação para reduzir o “grau excessivo de homogeneidade e uniformidade” na sociedade. Ressaltou algumas facetas básicas da vida japonesa que refletem essa conformidade: quase todos os estudantes japoneses usam uniformes azuis-escuros idênticos que encobrem traços de individualidade, enquanto empregados geralmente ficam até tarde no escritório, mesmo que sem necessidade, em função de uma regra tácita sobre sair do trabalho cedo. Esses valores, conclui a comissão, impedem o povo japonês de adotar noções de habilitação individual que seriam essenciais nos anos seguintes.

Normas e valores culturais são profundamente incrustados e é muito cedo para dizer se um mandato governamental terá sucesso em alterar os valores japoneses tradicionais. Entretanto, uma expressão comum japonesa – “prego saliente, o martelo ajeita” – sugere que talvez seja preciso algum tempo e esforço antes que os valores culturais japoneses da conformidade e do auto-apagamento sejam enfraquecidos.

Muitos de nossos comportamentos e hábitos cotidianos são fundados em normas culturais. Como veremos no Capítulo 4 (“Interação Social e Vida Cotidiana”), movimentos, gestos e expressões são fortemente influenciados por fatores culturais. Um exemplo claro disso pode ser visto na forma como as pessoas sorriem – particularmente em contextos públicos – através de diferentes culturas. Entre os Inuit (esquimós) da Groenlândia, por exemplo, não há a forte tradição do “sorriso público” que existe em muitas áreas da Europa Ocidental e da América do Norte. Isso não significa que os Inuit sejam frios ou não-amigáveis – simplesmente não é comum a prática de sorrir ou de trocar brincadeiras com estranhos. No entanto, desde que a indústria de serviços se expandiu na Groenlândia em anos recentes, houve esforços da parte de alguns empregadores para “incutir” o sorriso como um valor cultural. Há uma crença de

que sorrisos e atitudes polidas dirigidos aos clientes são essenciais às práticas de negócio competitivas. Clientes que são abordados com sorrisos e que recebem um “bom dia” têm mais chance de se tornarem compradores frequentes. Em muitos supermercados na Groenlândia, vídeos de treinamento sobre técnicas amigáveis de serviço são hoje apresentados a vendedores; os funcionários de algumas corporações têm sido mandados ao exterior para cursos de treinamento! A abertura de restaurantes de *fast-food* como o McDonald’s introduziu, pela primeira vez, abordagens de serviço ao estilo ocidental. Os empregados do McDonald’s foram ensinados a cumprimentar os clientes, a apresentar-se e a sorrir frequentemente. No início, esses requisitos foram alcançados com algum desconforto pelos funcionários que acharam o estilo insincero e artificial. Com o decorrer do tempo, contudo, a idéia de sorriso público – pelo menos no local de trabalho – tornou-se mais aceita.

### Diversidade cultural

Não são apenas as crenças culturais que diferem através das culturas. A diversidade das práticas e do comportamento humanos é também notável. Formas aceitáveis de comportamento variam amplamente de cultura para cultura e, com frequência, contrastam drasticamente com o que as pessoas das sociedades ocidentais consideram “normal”. Por exemplo, no Ocidente moderno consideramos crianças com idades entre 12 ou 13 anos como sendo muito novas para o casamento. Mas, em algumas culturas, casamentos são arranjados entre crianças dessa idade como algo natural. No Ocidente, comemos ostras, mas não comemos gatinhos ou cães de estimação, sendo que ambos são considerados especiarias em algumas partes do mundo. Os judeus não comem porco, enquanto os indianos comem porco, mas evitam carne de gado. Os ocidentais consideram beijar como uma parte normal do comportamento sexual, mas em muitas outras culturas essa prática é tanto desconheci-



Em um choque cultural entre o Oriente e o Ocidente, filhotes de cachorro que são adotados como animais de estimação na Europa podem subitamente se ver como iguarias num mercado chinês.

da como considerada repulsiva. Todos esses diversos traços de comportamento são aspectos de amplas diferenças culturais que distinguem as sociedades umas das outras.

As pequenas sociedades, como as sociedades primitivas de caçadores e coletores, tendem a ser culturalmente uniformes ou *monoculturais*. Algumas sociedades modernas, como o Japão, têm se mantido bastante monoculturais e são marcadas por altos índices de *homogeneidade cultural*. A maioria das sociedades industrializadas, contudo, está tornando-se culturalmente mais diversa, ou *multicultural*. Como você descobrirá na discussão sobre migração global no Capítulo 9 (“Raça, Etnicidade e Migração”), processos como a escravidão, o colonialismo, a guerra, a migração e a globalização contemporânea têm levado populações a se dispersar através das fronteiras e a se fixar em novas áreas. Isso leva à emergência de sociedades que são compostas culturais, ou seja, cuja população é feita de um número de grupos de diversas formações culturais, étnicas e linguísticas. Nas cidades modernas, por exemplo, muitas comunidades subculturais vivem lado a lado – indianos ocidentais, paquistaneses, indianos, bangladeshianos, italianos, gregos e chineses podem todos hoje ser encontrados no centro de Londres.

**Subculturas** não se referem somente a grupos étnicos ou linguísticos dentro de uma sociedade maior. Elas dizem respeito a quaisquer segmentos da população que são distinguíveis do resto da sociedade por seus padrões culturais. As subculturas têm âmbitos muito amplos e podem incluir naturalistas, góticos, *hackers*, hippies, rastafáris, fãs de hip-hop ou torcedores de times de futebol. Algumas pessoas podem se identificar clara-

mente com uma subcultura particular, enquanto outras podem se movimentar facilmente entre um número diferente delas.

A cultura tem um papel importante em perpetuar os valores e as normas de uma sociedade, mas também oferece oportunidades importantes para a criatividade e a mudança. Subculturas e *contraculturais* – grupos que rejeitam em grande medida os valores e as normas predominantes da sociedade – podem promover idéias que mostrem alternativas à cultura dominante. Movimentos sociais ou grupos de pessoas que dividem estilos de vida comuns são forças poderosas de mudança dentro das sociedades. Desse modo, subculturas permitem a liberdade de as pessoas se expressarem e agirem segundo suas opiniões, expectativas e crenças.

### Etnocentrismo

Toda cultura tem seus próprios padrões de comportamento, os quais parecem estranhos às pessoas de outras formações culturais. Se você já viajou para o exterior, provavelmente está familiarizado com a sensação que pode resultar quando você se encontra em uma nova cultura. Aspectos da vida cotidiana que você inconscientemente toma como comuns em sua própria cultura podem não ser parte da vida diária em outras partes do mundo. Mesmo em países que compartilham a mesma língua, hábitos cotidianos, costumes e comportamentos podem ser bem diferentes. A expressão *choque cultural* é realmente apropriada! Frequentemente, as pessoas se sentem desorientadas quando ficam imersas em uma nova cultura. Isso acontece por-

### O Reggae

Quando as pessoas que entendem de música popular ouvem uma canção, elas são capazes, muitas vezes, de detectar as influências estilísticas que ajudaram a formá-la. Cada estilo musical, afinal, representa um modo único de combinar ritmo, melodia, harmonia e letras. E embora não seja preciso um gênio para notar as diferenças entre o grunge, o *hard rock*, o techno e o hip-hop, os músicos frequentemente combinam inúmeros estilos ao comporem músicas. Identificar os componentes dessas combinações pode ser difícil. Mas, para os sociólogos da cultura, o esforço é frequentemente recompensador. Diferentes estilos musicais tendem a surgir de diferentes grupos sociais, e estudar como os estilos se combinam e se fundem é uma boa maneira de mapear os contatos culturais entre os grupos.

Alguns sociólogos da cultura voltaram a atenção ao *reggae*, porque ele exemplifica o processo pelo qual os contatos entre os grupos sociais resultam na criação de outras formas musicais. As raízes do *reggae* podem ser rastreadas até a África Ocidental. No século XVII, um grande número de

africanos ocidentais foi escravizado pelos colonizadores britânicos e trazido de navio para trabalhar em campos de cana-de-açúcar das Índias Ocidentais. Ainda que os britânicos tenham tentado evitar que os escravos tocassem a música tradicional africana, por medo de que ela servisse como um chamado à revolta, os escravos conseguiram manter viva a tradição da batida africana, integrando-a, às vezes, aos estilos musicais europeus impostos pelos proprietários de escravos. Na Jamaica, a batida de um grupo de escravos, os Buru, foi abertamente tolerada pelos proprietários de escravos porque ela ajudava a medir o ritmo do trabalho. Finalmente, a escravidão foi abolida na Jamaica em 1834, mas a tradição da batida dos Buru continuou, mesmo que muitos Buru tenham migrado de áreas rurais para os subúrbios de Kingston.

Foi nessas favelas que um novo culto religioso começou a surgir – culto que se mostraria crucial para o desenvolvimento do *reggae*. Em 1930, um homem chamado Haile Selassie foi coroado imperador do país africano da Etiópia. Enquanto os oponentes do colonialismo europeu ao redor do

(continua)

## O Reggae (continuação)

mundo aclamaram a ascensão de Selassie ao trono, um número de pessoas nas Índias Ocidentais começou a acreditar que Selassie era um deus, mandado à Terra para conduzir os oprimidos da África à liberdade. Um dos nomes de Selassie era "Príncipe Ras Tafari", e as pessoas das Índias Ocidentais que o adoravam chamavam a si mesmos de "rastafarianos". O culto Rastafári logo fundiu-se com os Buru, e a música rastafári veio a combinar os estilos de tambor dos Buru com temas bíblicos de opressão e de liberação. Na década de 1950, os músicos das Índias Ocidentais começaram a misturar ritmos e letras rastafáris com elementos do jazz norte-americano e do *rhythm and blues* dos negros. Essas combinações finalmente se desenvolveram na música "ska" e, então, no final da década de 1970, no *reggae*, com sua batida relativamente lenta, sua ênfase no baixo, e suas histórias de pobreza urbana e do poder da consciência coletiva social. Muitos artistas do *reggae*, como Bob Marley, tornaram-se sucessos comerciais e, na década de 1970, pessoas de todo o mun-

do estavam ouvindo *reggae*. Entre os anos de 1980 e 1990, o *reggae* foi fundido com o *hip-hop* (ou *rap*) para produzir novas sonoridades, como pode ser ouvido no trabalho de grupos como Wu-Tang Clan e Fugees (Hebdige, 1997).

A história do *reggae* é, assim, a história do contato entre diferentes grupos sociais e dos significados – políticos, espirituais e pessoais – que aqueles grupos expressaram através de sua música. A globalização aumentou a intensidade desses contatos. É agora possível para um jovem músico na Escandinávia, por exemplo, crescer ouvindo música produzida por homens e mulheres nos porões de *Notting Hill*, em Londres, e ser profundamente influenciado também por, digamos, uma apresentação ao vivo da Cidade do México de um cantor *marachi*. Se o número de contatos entre os grupos é um determinante importante do ritmo da evolução musical, pode-se prever que haverá uma verdadeira profusão de novos estilos nos próximos anos, enquanto o processo de globalização continuar a se abrir.



que elas perderam pontos de referência familiares que as ajudam a entender o mundo ao seu redor e ainda não aprenderam como navegar em uma nova cultura.

As culturas podem ser excessivamente difíceis de se compreender de fora. Não podemos entender as práticas e as crenças separadamente das culturas mais abrangentes de que fazem parte. Uma cultura tem que ser estudada em termos de seus próprios significados e valores – uma suposição-chave da sociologia. Essa idéia também é referida como **relativismo cultural**. Os sociólogos se esforçam tanto quanto possível para evitar o **etnocentrismo**, que é a prática de julgar outras culturas comparando-as com a nossa. Uma vez que as culturas humanas variam tanto, não é surpreendente que pessoas vindas de uma cultura amiúde achem difícil simpatizar com as idéias ou com o comportamento daqueles de uma cultura diferente.

Aplicar o relativismo cultural – ou seja, suspender suas próprias crenças culturais profundamente sustentadas e examinar uma situação de acordo com os padrões de outra cultura – pode ser repleto de incerteza e desafio. Não somente pode ser difícil ver as coisas a partir de um ponto de vista completamente diferente, mas, algumas vezes, questões preocupantes são levantadas. O relativismo cultural significa que *todos* os costumes e comportamentos são igualmente legítimos? Haveria padrões universais aos quais todos os humanos deveriam aderir? Considere o caso a seguir.

Nos anos que se seguiram à retirada da União Soviética do Afeganistão, o combate e a guerra civil assolaram a região. Boa parte do país veio a ser controlada pelo Talibã, um grupo que objetiva construir uma sociedade islâmica pura e baseada em seus princípios. Sob o domínio do Talibã, as mulheres afegãs foram submetidas a normas rígidas que governam todos os aspectos de suas vidas, incluindo o modo como elas se vestem, seus movimentos em público e seus assuntos particulares. Ao aparecer fora de casa, as mulheres precisam estar completamente cobertas, da cabeça aos pés, e usar um pano para esconder seus rostos. As mulheres perderam o direito de trabalhar fora de casa e de serem educadas. A versão da lei islâmica Sharia praticada pelo Talibã é considerada rígida por muitos eruditos muçulmanos. A despeito das críticas da comunidade internacional e de acaloradas campanhas em benefício das mulheres afegãs, o Talibã afirma que suas políticas em relação às mulheres são essenciais para a construção de uma sociedade casta, em que as mulheres sejam completamente respeitadas e sua dignidade seja reverenciada.

As políticas do Talibã para as mulheres são aceitáveis no início do século XXI? Não há soluções simples para esse dilema ou para dúzias de outros casos nos quais normas e valores culturais não coincidem. De um lado, é importante resistir a aplicar os padrões culturais gerais a pessoas que vivem em contextos muito diferentes. Mas é também problemático aceitar explicações culturais para situações que vão contra os valores e as normas que você considera como dados. O papel do sociólogo é evitar “respostas automáticas” e examinar questões complexas cuidadosamente a partir de tantos ângulos diferentes quanto possível.

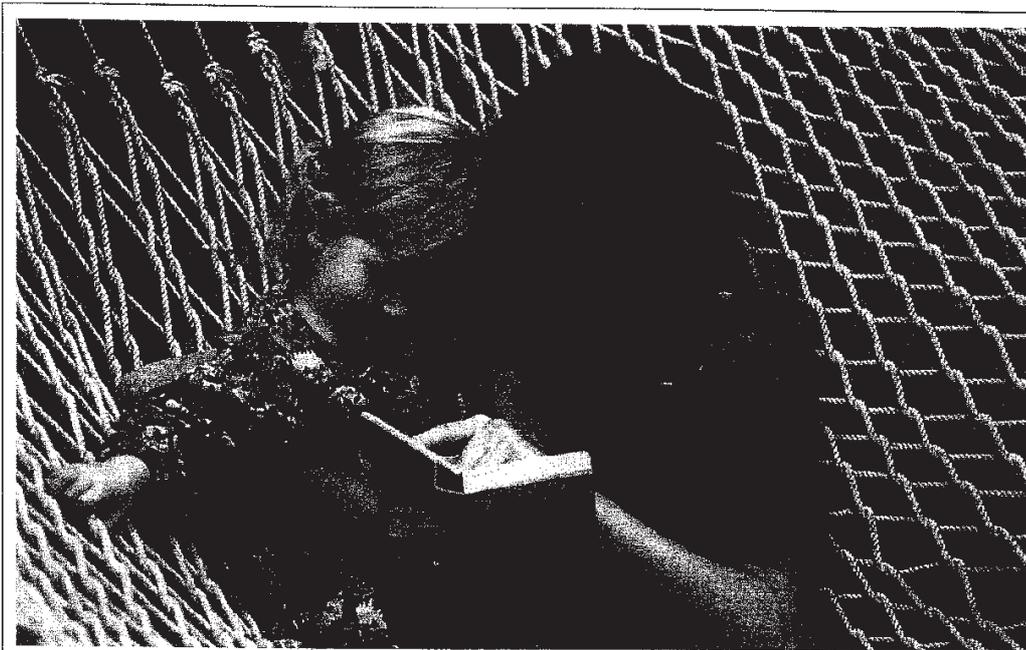
## Socialização

Como já constatamos, a cultura faz parte daqueles aspectos da sociedade que são aprendidos mais do que herdados. O processo pelo qual as crianças, ou outros novos membros da sociedade, aprendem o modo de vida de sua sociedade é chamado de **socialização**. A socialização é o principal canal para a transmissão da cultura através do tempo e das gerações.

Os animais que estão mais abaixo na escala evolutiva são capazes de se defender logo depois de terem nascido, com pouca ou nenhuma ajuda dos adultos. Os animais mais acima na escala, contudo, têm que *aprender* formas apropriadas de comportamento – os jovens são, com frequência, completamente indefesos no nascimento e têm que ser cuidados pelos mais velhos. As crianças humanas são as mais indefesas de todas; uma criança humana não pode sobreviver sem ajuda pelo menos durante os primeiros quatro ou cinco anos de vida. A socialização, portanto, é o processo por meio do qual a criança indefesa gradualmente se torna uma pessoa autoconsciente e instruída, hábil nos modos da cultura na qual ela nasceu. A socialização não é um tipo de “programação cultural”, em que a criança absorve passivamente as influências com as quais ela entra em contato. Mesmo os recém-nascidos têm necessidades e exigências que afetam o comportamento daqueles responsáveis pelo seu cuidado: a criança é, desde o início, um ser ativo.

A socialização conecta diferentes gerações umas com as outras. O nascimento de uma criança altera as vidas daqueles que são responsáveis pela sua criação – e eles mesmos, portanto, passam por novas experiências de aprendizado. Os cuidados dos pais comumente ligam as atividades dos adultos às crianças para o restante de suas vidas. As pessoas mais velhas, é claro, permanecem pais quando se tornam avós, produzindo então outro conjunto de relações, ligando diferentes gerações umas com as outras. A socialização, portanto, deveria ser vista como um processo que dura a vida inteira, em que o comportamento humano é continuamente modelado pelas interações sociais. Ela permite que os indivíduos desenvolvam a si mesmos e a seu potencial, a aprender e a fazer ajustes.

Os sociólogos falam com frequência que a socialização ocorre em duas grandes fases, envolvendo um número de diferentes agentes de socialização. Os **agentes de socialização** são grupos ou contextos sociais em que ocorrem processos significativos de socialização. A **socialização primária** ocorre na primeira infância e na infância e é o mais intenso período de aprendizado cultural. É o tempo em que as crianças aprendem a língua e os padrões básicos de comportamento que formam a base para o aprendizado posterior. A família é o principal agente de socialização durante essa fase. A **socialização secundária** tem lugar mais tarde na infância e na maturidade. Nessa fase, outros agentes de socialização assumem algumas das responsabilidades que antes eram da família. As escolas, os grupos de iguais, as organizações, a mídia e finalmente o lugar de trabalho se tornam formas socializantes para os indivíduos. As interações sociais nesses contextos ajudam as pessoas a aprenderem os valores, as normas e as crenças que constituem os padrões de sua cultura.



A ligação entre mãe e filho subjaz em muitos processos de socialização primária, abrindo caminho, mais tarde, a agentes mais formais de socialização secundária, como as escolas.

### Papéis sociais

Através do processo de socialização, os indivíduos aprendem sobre os **papéis sociais** – expectativas socialmente definidas que uma pessoa segue numa dada posição social. O papel social de “médico”, por exemplo, agrupa um conjunto de comportamentos que deveriam ser representados por todos os médicos individualmente, sem levar em consideração suas opiniões ou perspectivas pessoais. Visto que todos os médicos dividem esse papel, é possível falar em termos gerais sobre o papel profissional dos médicos, independentemente dos indivíduos específicos que ocupam as posições.

Alguns sociólogos, particularmente aqueles associados à escola funcionalista, consideram que os papéis sociais são fixos e partes relativamente imutáveis da cultura de uma sociedade. São tomados como fatos sociais. De acordo com essa visão, os indivíduos aprendem as expectativas que cercam as posições sociais em sua cultura particular e desempenham aqueles papéis de modo tão abrangente quanto foram definidos. Os papéis sociais não envolvem negociação ou criatividade – são antes prescritivos ao controlar e direcionar o comportamento de um indivíduo. Por meio da socialização, os indivíduos internalizam os papéis sociais e aprendem como desempenhá-los.

Essa concepção, porém, está errada. Ela sugere que os indivíduos simplesmente assumem papéis, mais do que os criam ou negociam. De fato, a socialização é o processo em que os humanos podem exercitar modos de ação; eles não são

simplesmente sujeitos passivos esperando para serem instruídos ou programados. Os indivíduos passam a entender e a assumir papéis sociais por meio de um processo progressivo de interação social.

### Identidade

Os cenários culturais em que nascemos e amadurecemos influenciam nosso comportamento, mas isso não significa que os humanos são privados da sua individualidade ou do seu livre-arbítrio. Talvez pareçamos moldados em formas que a sociedade preparou previamente para nós. Alguns sociólogos realmente tendem a escrever sobre a socialização como se fosse esse o caso; mas tal concepção é fundamentalmente falha. O fato de que, do nascimento até a morte, estejamos em interação com outros certamente condiciona nossas personalidades, os valores que sustentamos e o comportamento em que nos engajamos. Além disso, a socialização está também na origem de nossa própria individualidade e liberdade. No decorrer da socialização, cada um de nós desenvolve um sentido de identidade e a capacidade para o pensamento e a ação independentes.

O conceito de identidade na sociologia é multifacetado e pode ser abordado de inúmeras formas. De modo geral, a identidade se relaciona ao conjunto de compreensões que as pessoas mantêm sobre quem elas são e sobre o que é significativo para elas. Essas compreensões são formadas em relação a cer-



A decoração corporal pode ser um enunciado poderoso de auto-identidade, e ainda assim ser um sinalizador de uma identidade social que os outros reconhecerão.

tos atributos que têm prioridade sobre outras fontes de significado. Algumas das principais fontes de identidade incluem gênero, orientação sexual, nacionalidade ou etnicidade e classe social. Há dois tipos de identidade frequentemente mencionados pelos sociólogos: a *identidade social* e a *auto-identidade* (ou identidade pessoal). Essas formas de identidade são analiticamente distintas, mas são intimamente relacionadas entre si. A **identidade social** refere-se às características que são atribuídas a um indivíduo pelos outros. Elas podem ser vistas como marcadores que indicam quem, em um sentido básico, essa pessoa é. Ao mesmo tempo, esses marcadores posicionam essa pessoa em relação a outros indivíduos que compartilham dos mesmos atributos. São exemplos de identidades sociais o estudante, a mãe, o advogado, o católico, o sem-teto, o asiático, o disléxico, o casado, e assim por diante. Muitos indivíduos têm identidades sociais que compreendem mais do que um atributo. Uma pessoa poderia ser simultaneamente uma mãe, uma engenheira, muçulmana e uma vereadora. Múltiplas identidades sociais refletem as muitas dimensões das vidas das pessoas. Embora essa pluralidade de identidades sociais possa ser uma fonte potencial de conflitos para as pessoas, a maioria dos indivíduos organiza o significado e a experiência em suas vidas em torno de uma identidade primária que é razoavelmente contínua através do tempo e do espaço.

As identidades sociais, portanto, envolvem uma dimensão coletiva. Elas marcam as formas pelas quais os indivíduos são "o mesmo" que os outros. As identidades compartilhadas – baseadas em um conjunto de objetivos comuns, de valores ou de experiências – podem formar uma base importante para movi-

mentos sociais. Feministas, ambientalistas, sindicalistas e patrocinadores de movimentos religiosos fundamentalistas e/ou nacionalistas são todos exemplos de casos nos quais uma identidade social compartilhada é utilizada como uma poderosa fonte de significado.

Se as identidades sociais marcam as formas pelas quais os indivíduos são "o mesmo" que os outros, a auto-identidade (ou identidade pessoal) nos separa como indivíduos distintos. A auto-identidade se refere ao processo de autodesenvolvimento através do qual formulamos um sentido único de nós mesmos e de nossa relação com o mundo à nossa volta. A noção de auto-identidade se beneficia muito do trabalho do interacionismo simbólico. É a negociação constante do indivíduo com o mundo exterior que ajuda a criar e a moldar seu sentido de si mesmo. O processo de interação entre o eu e a sociedade ajuda a ligar os mundos pessoais e públicos de um indivíduo. Enquanto o ambiente social e cultural é um fator que molda a auto-identidade, a ação e a escolha individuais são de importância fundamental.

Rastreamento das mudanças na auto-identidade a partir das sociedades tradicionais até as modernas, podemos ver um deslocamento dos fatores fixos e herdados que previamente guiaram a formação da identidade. Se uma vez as identidades das pessoas eram amplamente informadas por sua afiliação a grupos sociais grandes, ligados por classe ou nacionalidade, elas são agora mais multifacetadas e menos estáveis. Os processos de crescimento urbano, de industrialização e o colapso de formações sociais antigas enfraqueceram o impacto de regras e de convenções herdadas. Os indivíduos se tornaram social e geograficamente móveis. Isso libertou as pessoas das comunidades relativamente homogêneas e estreitamente interligadas do passado, nas quais os padrões eram transmitidos de um modo fixo de geração a geração. Criou-se espaço para que outras fontes de sentido, tal como a orientação sexual e de gênero, desempenhassem papel mais importante no senso de identidade das pessoas.

No mundo atual, temos oportunidades sem precedentes de moldar a nós mesmos e de criar nossas próprias identidades. Somos nosso melhor recurso para definir o que somos, de onde viemos e para onde vamos. Agora que as referências tradicionais tornaram-se menos essenciais, o mundo social confronta-nos com uma quantidade vertiginosa de escolhas acerca de quem somos, de como devemos viver e do que devemos fazer – sem oferecer grande orientação sobre que escolhas devemos fazer. As decisões que tomamos na vida cotidiana sobre o que vestir, como se comportar e como gastar nosso tempo ajudam a nos tornar o que somos. O mundo moderno força a que encontremos a nós mesmos. Por meio de nossa capacidade como seres humanos autoconscientes, constantemente criamos e recriamos nossas identidades.

## Tipos de sociedade

Os traços culturais estão intimamente relacionados a padrões abrangentes no desenvolvimento da sociedade. O nível de cul-

tura material atingido numa dada sociedade influencia, embora não determine completamente, outros aspectos do desenvolvimento cultural. Isso é fácil de perceber, por exemplo, no nível da tecnologia. Muito da parafernália cultural, característica de nossas vidas hoje – carros, telefones, computadores, água encanada, luz elétrica –, depende das inovações tecnológicas que foram feitas há bem pouco tempo na história humana. Algo similar é verdadeiro em relação às fases iniciais do desenvolvimento social. Antes da invenção da fundição do metal, por exemplo, as mercadorias tinham de ser feitas a partir de materiais encontrados na natureza, como a madeira e a pedra, constituindo uma limitação básica dos tipos de itens que podiam ser construídos. O desenvolvimento da escrita é outro fator que influenciou muito a forma das sociedades humanas. Durante a maior parte da história humana, a escrita era desconhecida, contudo seu surgimento possibilitou formas de organização social diferentes daquelas que anteriormente existiam.

Passaremos a analisar agora os principais tipos de sociedade que existiam no passado e que ainda hoje são encontradas no mundo. Atualmente, estamos habituados às sociedades compostas por milhões de pessoas, muitas delas vivendo aglomeradas em áreas urbanas. Mas durante a maior parte da história humana, a terra era bem menos densamente povoada do que agora e foi somente nos últimos cem anos, ou aproximadamente, que surgiram sociedades em que a maioria da população habitava a cidade. Para entender as formas de sociedade que existiam antes do industrialismo moderno, precisamos consultar a dimensão histórica da imaginação sociológica.

## Um mundo em extinção: as sociedades pré-modernas e seu destino

### *Sociedades caçadoras e coletoras*

Exceto por um período muito curto de nossa existência neste planeta, os seres humanos viveram em **sociedades caçadoras e coletoras**. Os caçadores e os coletores ganham seu sustento da caça, da pesca e da coleta de plantas comestíveis que crescem na natureza. Essas culturas continuam a existir em algumas partes do mundo, como em umas poucas partes áridas da África e das florestas do Brasil e da Nova Guiné. A maioria das culturas caçadoras e coletoras, no entanto, foi destruída ou absorvida pela expansão da cultura ocidental e as culturas que permanecem provavelmente não ficarão intactas por muito tempo. Atualmente, menos de um quarto de um milhão de pessoas no mundo sustenta-se da caça e da coleta – somente 0,001% da população mundial.

Em comparação com as grandes sociedades – particularmente as sociedades modernas, como a Grã-Bretanha e os Estados Unidos –, pouca desigualdade é encontrada na maioria dos grupos caçadores e coletores. Os caçadores e coletores têm pouco interesse em desenvolver a riqueza material para além do que é preciso para suprir suas necessidades básicas. Nor-

malmente, suas preocupações principais são com valores religiosos e atividades cerimoniais e rituais. Os produtos materiais que eles precisam são armas de caça, instrumentos para escavar e construir, armadilhas e utensílios domésticos. Assim, há pouca diferença entre os membros da sociedade quanto ao número ou aos tipos de posses materiais – não há divisão entre ricos e pobres. As diferenças de posição ou categoria tendem a ser limitadas à idade e ao sexo; os homens são quase sempre os caçadores, enquanto as mulheres coletam os frutos silvestres, cozinham e criam os filhos. Essa divisão do trabalho entre homens e mulheres, contudo, é muito importante: os homens tendem a dominar as posições públicas e cerimoniais.

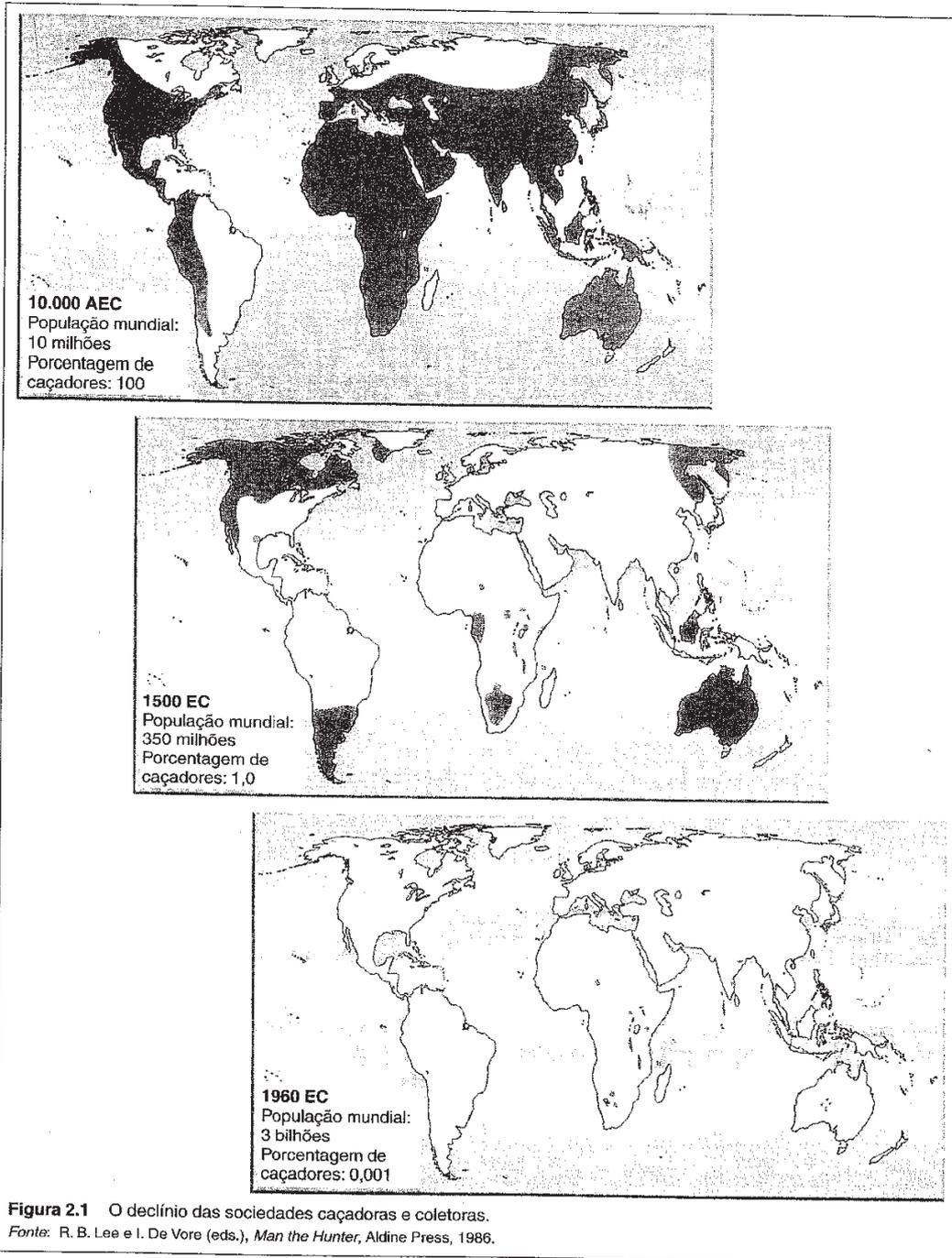
Os caçadores e os coletores não são meramente povos “primitivos” cujo meio de vida não possui mais qualquer interesse para nós. Estudar suas culturas permite-nos ver mais claramente que algumas de nossas instituições estão longe de serem traços “naturais” da vida humana. É claro que não deveríamos idealizar as circunstâncias em que os caçadores e os coletores vivem, mas a ausência da guerra, de maiores desigualdades de riqueza e poder e a ênfase maior na cooperação do que na competição são todas advertências instrutivas de que o mundo criado pela civilização industrial moderna não deve ser necessariamente igualado ao “progresso”.

### *Sociedades pastoris e agrárias*

Há cerca de 20 mil anos, alguns grupos de caçadores e coletores voltaram-se à criação de animais domésticos e ao cultivo de áreas fixas de terra como meio de sustento. As sociedades pastoris são as que tiram seu sustento principalmente de animais domesticados, enquanto as **sociedades agrárias** são aquelas que praticam a agricultura. Muitas sociedades misturaram economias pastoris e agrárias.

Dependendo do ambiente em que vivem, os pastoralistas criam e arrebancam animais como gado, ovelhas, cabras, camelos ou cavalos. Muitas sociedades pastoris ainda existem no mundo moderno, concentradas especialmente em regiões da África, do Oriente Médio e da Ásia Central. Essas sociedades são normalmente encontradas em regiões em que há densas pastagens, nos desertos ou nas montanhas. Essas regiões não são propícias à agricultura produtiva, mas podem sustentar vários tipos de rebanho. As sociedades pastoris normalmente migram entre áreas diferentes conforme as mudanças sazonais. Devido a seus hábitos nômades, as pessoas, nas sociedades pastoris, normalmente não acumulam muitas posses materiais, embora sua forma de vida seja mais complexa em termos materiais do que a dos caçadores e dos coletores.

Em algum momento, os grupos caçadores e coletores começaram a cultivar plantações em vez de simplesmente coletar o que crescia na terra. Essa prática desenvolveu pela primeira vez o que comumente é chamada de “horticultura”, plantio em que pequenas roças eram cultivadas usando instrumentos como enxadas e pás. Assim como o pastoralismo, a horticultura forneceu um suprimento alimentar mais seguro do que era possível pela caça e pela coleta, e assim pôde sustentar comunidades



maiores. Não vivendo mais em constantes migrações, as pessoas que tiravam o sustento da horticultura podiam acumular estoques de bens materiais maiores do que os das comunidades caçadoras e coletoras ou pastoris.

### Civilizações não-industriais ou tradicionais

De aproximadamente 6 mil anos AEC em diante (os historiadores tendem a usar hoje AEC – Antes da Era Comum – e EC – Era Comum –, em vez de AC e DC), encontramos evidências de grandes sociedades que existiram anteriormente, que contrastam de diversos modos com os tipos anteriores (ver Figura 2.2). Essas sociedades que eram fundamentadas no desenvolvimento das cidades revelavam desigualdades pronunciadas de riqueza e poder e estavam associadas ao governo de reis ou de imperadores. Porque envolviam o uso da escrita e porque a arte e a ciência floresciam, elas eram chamadas *civilizações*.

As primeiras civilizações desenvolveram-se no Oriente Médio, comumente em áreas fluviais férteis. O império chinês originou-se cerca de 2000 anos AEC, quando estados poderosos foram também fundados onde hoje são a Índia e o Paquistão. Um número de grandes civilizações existia no México e na América Latina, como os astecas do México, os maias da Península do Yucatan e os incas do Peru.

A maioria das civilizações tradicionais também foram *impérios*; atingiram sua grandeza por meio da conquista e da incorporação de outros povos (Kautsky, 1982). Isso foi verdadeiro, por exemplo, na China e Roma tradicionais. No seu auge, no primeiro século EC, o Império Romano expandia-se da Grã-

Bretanha, no noroeste da Europa, até o Oriente Médio. O império chinês, que durou mais de 2 mil anos, até o limiar do século atual, cobriu a maior parte da região massiva do leste da Ásia, hoje ocupada pela China moderna.

### O mundo moderno: sociedades industriais

O que aconteceu que destruiu as formas da sociedade que dominaram a história até dois séculos atrás? A resposta, numa palavra, é a industrialização – um termo que já introduzimos no Capítulo 1 (“O Que É Sociologia?”). A industrialização refere-se ao surgimento da produção mecânica, baseada no uso de fontes de energia inanimadas (como o vapor e a eletricidade). As sociedades industriais (às vezes também chamadas sociedades “modernas” ou “desenvolvidas”) são completamente diferentes de qualquer tipo de ordem social anterior, e seu desenvolvimento gerou condições que ultrapassaram de longe suas origens européias.

Mesmo nas mais avançadas civilizações tradicionais, a maioria das pessoas estava engajada no trabalho da terra. O nível relativamente baixo de desenvolvimento tecnológico não permitia liberar senão uma pequena minoria do labor da produção agrícola. Ao contrário, uma característica fundamental das sociedades industriais hoje é que a grande maioria da população empregada trabalha mais nas fábricas, nos escritórios ou no comércio do que na agricultura (ver Tabela 2.2). E aproximadamente 90% das pessoas vivem em metrópoles e cidades, onde se encontra a maioria dos empregos e onde novas oportunidades de trabalho são criadas. As grandes cidades são infinitamente maiores do que os as-

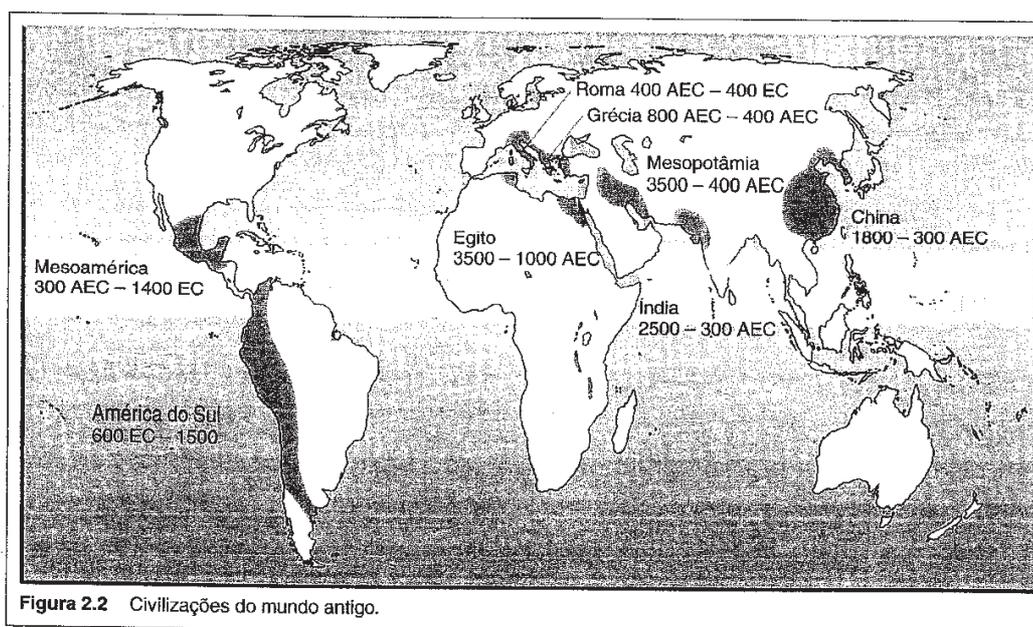


Tabela 2.1 Tipos de sociedades humanas pré-modernas

Tipo	Período de existência	Características
Sociedades Caçadoras e Coletoras	50000 AEC até o presente (agora em via de total extinção).	Consistem em pequeno número de pessoas que tiram seu sustento da caça, da pesca e da coleta de plantas comestíveis. Poucas desigualdades. Diferenças de posição limitadas pela idade e pelo sexo.
Sociedades Agrárias	12000 AEC até o presente. A maioria é parte hoje de entidades políticas maiores, e estão perdendo sua identidade distinta.	Baseadas nas pequenas comunidades rurais, sem metrópoles ou cidades. O sustento é obtido através da agricultura, freqüentemente suplementado pela caça e pela coleta. Maiores desigualdades do que entre caçadores e coletores. Comandadas por chefes.
Sociedades Pastorais	12000 AEC até o presente. A maior parte dos Estados hoje; seus tradicionais modos de vida estão cada vez mais comprometidos.	Dependem da criação de animais domésticos para sua subsistência material. O tamanho varia de algumas poucas centenas de pessoas a muitos milhares. Marcadas por desigualdades distintas. Comandadas por chefes ou reis guerreiros.
Civilizações Não-industriais	6000 AEC até o século XIX. Todas as civilizações desapareceram.	Baseada largamente na agricultura. Existem algumas cidades, onde o comércio e a manufatura estão concentrados. Muito grandes em tamanho, algumas somando milhões de pessoas (embora pequenas se comparadas com sociedades industrializadas maiores). Aparato distinto de governo, encabeçado pelo rei ou imperador. Maiores desigualdades existem entre as diferentes classes.

Tabela 2.2 Força de trabalho agrícola em países industriais e não-industriais, 1998

País	Porcentagem de trabalho braçal na agricultura
<i>Sociedades não-industriais</i>	
Nepal	91,1
Ruanda	90,1
Etiópia	88,3
Uganda	82,1
Bangladesh	64,2
<i>Sociedades industriais</i>	
Japão	6,2
Austrália	5,0
Alemanha	3,8
Canadá	3,4
Estados Unidos	2,8
Reino Unido	2,0

sentamentos urbanos encontrados nas civilizações tradicionais. Nas cidades, a vida social torna-se mais impessoal e anônima do que antes, e muitos de nossos encontros diários são com estranhos e não tanto com indivíduos conhecidos. As macroorganizações, como as corporações de negócios e as agências governamentais, influenciam virtualmente as vidas de todos.

O papel das cidades na nova ordem global é discutido em "As cidades e a globalização", na p. 471.

Outra característica das sociedades modernas diz respeito aos seus sistemas políticos, que são mais desenvolvidos e articulados do que as formas de governo em Estados tradicionais. Nas civilizações tradicionais, as autoridades políticas (monarcas e imperadores) tinham pouca influência direta sobre os costumes e os hábitos da maioria de seus súditos, que viviam em vilarejos bastante autônomos. Com a industrialização, o transporte e as comunicações tornaram-se muito mais rápidos, produzindo uma comunidade "nacional" muito mais integrada.

As sociedades industriais foram os primeiros estados-nações a existir. Os **estados-nações** são as comunidades políticas, divididas umas das outras por fronteiras claramente delimitadas e não por vagas áreas fronteiriças que separavam os Estados tradicionais. Os governos nacionais têm poderes extensivos sobre muitos aspectos das vidas dos cidadãos, determinando as leis que se aplicam a todos os que vivem dentro de suas fronteiras. A Grã-Bretanha é um estado-nação, assim como são virtualmente todas as sociedades hoje no mundo.

A aplicação da tecnologia industrial não ficou de modo algum limitada a processos pacíficos de desenvolvimento econômico. Desde as primeiras fases da industrialização, modernos processos de produção foram dirigidos ao uso militar e isso alterou radicalmente os meios de promover a guerra, criando arma-

mentos e modos de organização militar muito mais avançados do que os das culturas não-industriais. Reunidas, a força econômica superior, a coesão política e a superioridade militar explicam a expansão aparentemente irresistível do modo ocidental de vida através do mundo nos dois séculos passados.

## Desenvolvimento global

Do século XVII até o início do século XX, os países ocidentais estabeleceram colônias em inúmeras áreas antes ocupadas por sociedades tradicionais, usando sua força militar superior quando necessário. Embora finalmente todas essas colônias hoje tenham obtido sua independência, o processo do **colonialismo** foi crucial, como sabemos, para moldar o mapa social do globo. Mencionamos o colonialismo, no capítulo anterior, com respeito ao desenvolvimento do mercado do café. Em algumas regiões, como a América do Norte, a Austrália e a Nova Zelândia, que eram escassamente povoadas por comunidades caçadoras e coletoras, os europeus tornaram-se a população majoritária. Em outras áreas, incluindo boa parte da Ásia, da África e da América do Sul, as populações locais continuaram majoritárias.

As sociedades pertencentes ao primeiro caso, incluindo os Estados Unidos, tornaram-se industrializadas. As da segunda categoria estão em grande maioria, num nível muito mais baixo de desenvolvimento industrial, e são freqüentemente referidas como sociedades menos desenvolvidas ou como *mundo em desenvolvimento*. Essas sociedades incluem a China, a Índia, a maioria dos países africanos (como Nigéria, Gana e Argélia) e os países da América do Sul (por exemplo, Brasil, Peru e Venezuela). Visto que muitas dessas sociedades estão situadas ao sul dos Estados Unidos e da Europa, são, às vezes, referidas coletivamente como *Sul* e contrastadas com o *Norte*, mais rico e industrializado.

### *O Primeiro, o Segundo e o Terceiro Mundos*

Você deve ter ouvido falar dos países em desenvolvimento como parte do **Terceiro Mundo**. O termo "Terceiro Mundo" foi originalmente parte de um contraste delineado entre três tipos principais de sociedade encontrados no início do século XX (ver Figura 2.3). Os países do **Primeiro Mundo** eram (e são) os estados industrializados da Europa, os Estados Unidos, a Australásia (Austrália, Nova Zelândia, Tasmânia e Melanésia) e o Japão. Quase todas as sociedades do Primeiro Mundo tinham sistemas de governo multipartidários e parlamentares. As sociedades do **Segundo Mundo** representavam as sociedades comunistas que incluíam a União Soviética (URSS) e o Leste Europeu, inclusive a Tchecoslováquia, a Polônia, a Alemanha Oriental e a Hungria. As sociedades do Segundo Mundo eram economias de planificação centralista, que permitiam pouca participação da propriedade privada ou do empreendimento econômico competitivo. Eram também estados unipartidários: o Partido Comunista dominava os sistemas tanto político quanto econômico. Seguindo os ensinamentos de Marx (ver Capítu-

lo 1, p. 31-32), os líderes comunistas acreditavam que um sistema de produção pertencente à coletividade se tornaria mais próspero do que o sistema de livre-mercado ocidental.

Por mais ou menos 25 anos, a história do mundo foi afetada pela rivalidade global entre os países da União Soviética e do Leste Europeu, por um lado, e as sociedades capitalistas do Ocidente e o Japão, por outro. Essa situação de permanente confronto armado foi descrita como **Guerra Fria**, porque nenhum combate militar direto sucedeu-se entre os dois lados. Era um tipo de equilíbrio militar, em que cada uma das partes estava pronta para enfrentar a outra, mas sem fazê-lo efetivamente. Hoje essa rivalidade acabou. Com o fim da Guerra Fria e a desintegração do **comunismo** na antiga URSS e no Leste Europeu, o Segundo Mundo efetivamente desapareceu (ver Capítulo 14, "Governo e Política"). A Rússia e as outras antigas sociedades do Segundo Mundo estão hoje direcionando-se a um sistema de mercado competitivo semelhante ao dos países ocidentais. Elas tentam também construir instituições políticas democráticas fundamentadas nos modelos ocidentais.

### *O mundo em desenvolvimento*

Muitas sociedades em desenvolvimento estão em áreas antes submetidas ao domínio colonial na Ásia, África e América do Sul. Um poucas áreas colonizadas conquistaram cedo a independência, como o Haiti, que se tornou a primeira república negra autônoma em 1804. As colônias espanholas na América do Sul adquiriram sua liberdade em 1810, enquanto o Brasil se desvinculou do domínio português em 1822. No entanto, quase todas as nações em desenvolvimento tornaram-se estados independentes somente após a Segunda Guerra Mundial, muitas vezes após sangrentos conflitos anticoloniais. Os exemplos incluem a Índia e várias outras nações asiáticas (como Burma, Malásia e Cingapura), além de países africanos (incluindo Quênia, Nigéria, Zaire, Tanzânia e Argélia).

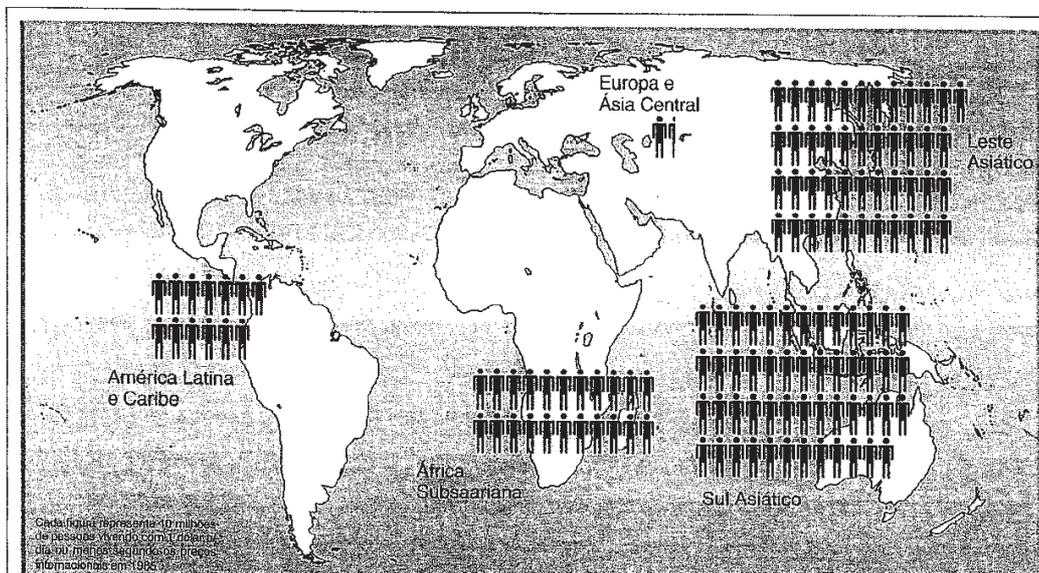
Embora possam conter povos vivendo de forma tradicional, os países em desenvolvimento são muito diferentes das formas anteriores de sociedades tradicionais. Seus sistemas políticos estão moldados seguindo sistemas inicialmente estabelecidos nas sociedades ocidentais – ou seja, são estados-nações. Mesmo que a maioria da população ainda habite áreas rurais, muitas dessas sociedades estão experimentando um rápido processo de desenvolvimento urbano. Embora a agricultura permaneça a principal atividade econômica, a colheita agora é exportada para mercados mundiais em vez de ser consumida internamente. Os países em desenvolvimento não são meramente sociedades que "ficaram para trás" das regiões mais industrializadas. Foram em grande parte criados pelo contato com o industrialismo ocidental, o que abalou sistemas anteriores, mais tradicionais.

Nos últimos anos, as condições nas mais empobrecidas dessas sociedades pioraram mais do que melhoraram. Estima-se que, no início do século XXI, havia 1,2 bilhão de pessoas vivendo em estado de extrema pobreza, a grande maioria delas em países em desenvolvimento. Em torno de 3 bilhões de pessoas – quase a metade da população mundial – vive com menos de 2 dólares por dia. A pobreza está concentrada particularmente no



Figura 2.3 Os três mundos.





**Figura 2.4** Pobreza nas regiões em desenvolvimento.

Fontes: Banco Mundial, *Relatório do Desenvolvimento Mundial 1998-9*, Oxford University Press, 1998, p. 118

Sul e Leste asiáticos (ver Fig. 2.4), na África e América Latina, embora haja importantes diferenças entre essas regiões. Por exemplo, os níveis de pobreza no Leste asiático e no Pacífico declinaram na última década, embora tenham se elevado nas nações da África subsaariana. De 1987 a 1998, o número de pessoas vivendo com menos de um dólar por dia nessa região subiu de 220 milhões para 290 milhões (Banco Mundial, 2000). Também houve um aumento significativo da pobreza em regiões do Sul Asiático, da América Latina e do Caribe. Muitos dos países mais pobres também sofrem seriamente com dívidas. Os pagamentos de empréstimos junto a credores estrangeiros podem geralmente superar os investimentos governamentais em saúde, bem-estar social e educação.

### *Os novos países industrializados (NPI)*

Os países em desenvolvimento não são uma unidade. Enquanto a maioria dos países menos desenvolvidos está economicamente bastante atrasada em relação às sociedades ocidentais, algumas partes ingressaram em um processo de industrialização e experimentaram um dramático crescimento econômico ao longo das últimas três décadas. Às vezes, são chamados de Novos Países Industrializados (NPI) e incluem o Brasil e o México, na América Latina, ao lado da Coreia do Sul, de Cingapura e Taiwan, no Leste Asiático. As taxas de crescimento econômico dos mais bem-sucedidos NPI são muitas vezes iguais às de economias industrializadas ocidentais. Em alguns casos, os novos países industrializados atingi-

ram uma renda *per capita* bastante semelhante aos dos países desenvolvidos mais pobres.

Até o final da década de 1990, os NPI do Leste Asiático mostraram os mais constantes níveis de prosperidade econômica. A exportação de produtos manufaturados, especialmente para países desenvolvidos, contribuiu para o rápido crescimento da economia dos chamados “Tigres Asiáticos”. Os NPI do Leste Asiático também se caracterizaram por altos níveis de investimento interno e externo. A produção de aço na Coreia do Sul cresceu rapidamente, e suas indústrias eletrônica e de construção naval figuravam entre as líderes mundiais. Cingapura surgiu como o maior centro financeiro e comercial do Sudeste Asiático. Taiwan assumiu uma importante presença nas indústrias eletrônica e manufatureira.

Entre 1997 e 1998, as economias do Leste Asiático desestabilizaram-se quando uma crise financeira global irrompeu e espalhou-se veloz e intensamente não só por toda a região, como por outros países. Apesar desses contratemplos, o desenvolvimento econômico nos NPI do Leste Asiático melhorou a qualidade de vida de milhões de pessoas na região. Os níveis de pobreza e de mortalidade infantil foram reduzidos e a expectativa de vida aumentou.

O desenvolvimento das economias asiáticas e latino-americanas parece ter pouco a ver com as vidas das pessoas na Grã-Bretanha, nos Estados Unidos ou em outras regiões industrializadas. Mas não é assim. As nações agora estão presas a uma economia global, a ponto de eventos em determinadas partes do mundo terem efeitos imediatos e conseqüências que são sentidos mundialmente. Por exemplo, o crescimento da manufatura de

aço no Leste Asiático afetou diretamente a Grã-Bretanha, cuja participação global na produção de aço caiu significativamente nas últimas três décadas. Do mesmo modo, a recente crise financeira originada no Leste Asiático transformou mercados financeiros ao redor do mundo, que pareciam bastantes sólidos, em economias mais voláteis e desestabilizadas. Finalmente, o crescimento dos NPI está alterando a tradicional divisão entre “Norte” e “Sul”, mencionada anteriormente. As relações políticas e econômicas não podem mais ser classificadas de acordo com o modelo simplista de sociedades do “Primeiro Mundo” e do “Terceiro Mundo”. Os processos de globalização, que investigaremos em detalhe no Capítulo 3 (“Um mundo em mudanças”), produzem uma configuração de poder e privilégio muito mais complexa do que aquela que prevalecia há um século.

## Mudança social

Os seres humanos existem na Terra há mais ou menos meio milhão de anos. A agricultura, base necessária para povoações fixas, existe apenas há mais ou menos 12 mil anos. As civilizações datam de não mais de 6 mil anos. Se toda a existência humana tivesse a duração de um dia, a agricultura teria surgido às 23 horas e 56 minutos, e as civilizações, às 23 horas e 57 minutos. O desenvolvimento das sociedades modernas iniciaria apenas às 23 horas, 59 minutos e 30 segundos! Mas talvez nos últimos 30 segundos do dia da jornada humana tenham ocorrido tantas mudanças quanto em todo o tempo decorrido até esse momento.

Como vimos, os modos de vida e as instituições sociais características do mundo moderno são radicalmente diferentes mesmo das do passado recente. Durante um período de apenas dois ou três séculos – uma fração de minuto no contexto da história humana –, a vida social humana foi arrancada dos tipos de ordem social em que as pessoas viveram por milhares de anos. Como os sociólogos explicam os processos de mudança que transformaram o modo dos humanos viverem? No restante deste capítulo, deveremos olhar os esforços para a interpretação dos padrões de mudança que afetaram a história humana como um todo; deveremos, então, considerar por que o período moderno pode ser associado especialmente a uma profunda e rápida mudança social.

**Mudança social** é algo difícil de definir, pois há uma percepção de que tudo muda, o tempo todo. Todo dia é um novo dia; todo momento é um novo instante no tempo. O filósofo grego Heráclito observou que uma pessoa não pode entrar no mesmo rio duas vezes. Na segunda ocasião, o rio está diferente, já que a água fluiu e a própria pessoa também sofreu sutis mudanças. Embora essa observação seja, de certa forma, correta, é claro que normalmente queremos dizer que se trata do mesmo rio e da mesma pessoa entrando nele em duas ocasiões. Há suficiente continuidade no aspecto ou na forma do rio e no físico e na personalidade da pessoa que se banha nas águas para dizermos

que ambos permanecem “os mesmos” durante as mudanças que ocorrem.

Identificar mudanças significativas envolve mostrar em que medida há alterações na *estrutura subjacente* de um objeto ou situação durante um período de tempo. No caso das sociedades humanas, para decidir em que medida e de que forma um sistema está em processo de mudança, temos de mostrar em que grau há alguma modificação das *instituições fundamentais* durante um período específico. Todas as explicações de mudança também envolvem demonstrar o que permanece estável, como uma referência a partir da qual as alterações serão avaliadas. Mesmo no mundo de hoje, em que tudo muda muito rapidamente, existe uma continuidade com o passado distante. Os principais sistemas religiosos, como o cristianismo ou o islã, conservam seus laços com idéias e práticas iniciadas em torno de 2 mil anos atrás. Ainda assim, a maior parte das instituições das sociedades modernas claramente muda muito mais rápido que as instituições do mundo tradicional.

## Influências sobre a mudança social

Nos dois últimos séculos, os teóricos sociais tentam desenvolver uma grande teoria que explique a natureza da mudança social. Mas nenhuma teoria com base em um fator isolado pode explicar a diversidade do desenvolvimento social humano desde os primórdios da época da pesca, da coleta e das sociedades pastoris, passando pelas civilizações tradicionais e finalmente chegando aos sistemas sociais altamente complexos de hoje. Podemos, no entanto, identificar os três fatores principais que consistentemente influenciam a mudança social: o meio físico, a organização política e os fatores culturais.

### O meio físico

O meio físico geralmente influencia o desenvolvimento da organização social humana. Isso é muito claro em condições ambientais extremas, onde as pessoas precisam organizar seus modos de vida conforme as condições climáticas. Os habitantes das regiões polares desenvolvem necessariamente hábitos e práticas diferentes dos que vivem em zonas subtropicais. Pessoas que vivem no Alasca, onde os invernos são longos e frios, tendem a seguir padrões de vida social diferentes dos das pessoas que vivem em países na região do Mediterrâneo, bem mais quentes. Os alasquianos passam a maior parte da vida em recintos fechados e, exceto durante um curto verão, realizam atividades ao ar livre com muito cuidado, dada a hostilidade do ambiente em que vivem.

Condições ambientais menos extremas podem também afetar a sociedade. Os nativos da Austrália jamais deixaram de ser caçadores e coletores, pois o continente quase não continha nenhuma espécie vegetal própria ao cultivo regular ou animais que pudessem ser domesticados para o desenvolvimento da produção pastoril. A maior parte das antigas civilizações originou-se

Tabela 2.3 As sociedades no mundo moderno

Tipo	Período de existência	Características
<b>Sociedades do Primeiro Mundo</b>	Do século XVIII até o presente.	Baseadas na produção industrial e na livre-iniciativa. A maioria da população vive em cidades e metrópoles, poucos trabalham na agricultura rural. Grandes desigualdades de classe, embora menos pronunciadas que em estados tradicionais. Comunidades políticas ou estados-nações distintos, incluindo os países do Ocidente, Japão, Austrália e Nova Zelândia.
<b>Sociedades do Segundo Mundo</b>	Do início do século XX (desde a Revolução Russa de 1917) até o início dos anos de 1990.	Baseadas na indústria, mas o sistema econômico é de planejamento central. Uma pequena proporção da população trabalha na agricultura, a maioria vive em cidades e metrópoles. Grandes desigualdades de classe persistem. Comunidades políticas ou estados-nações distintos. Até 1989, compostas pela União Soviética e pelo Leste Europeu, mas mudanças sociais e políticas começaram a transformá-las em sistemas econômicos de livre-iniciativa, de acordo com o modelo das sociedades de Primeiro Mundo.
<b>Sociedades em desenvolvimento ("Sociedades do Terceiro Mundo")</b>	Do século XVIII (a maioria como áreas colonizadas) até o presente.	A maioria da população trabalha na agricultura, usando métodos tradicionais de produção. Uma parte da produção agrícola é vendida em mercados mundiais. Algumas têm sistemas de livre-iniciativa, outras são de planejamento central. Comunidades políticas ou estados-nações distintos, incluindo a China, a Índia e a maioria das nações africanas e sul-americanas.
<b>Novos Países Industrializados</b>	Dos anos 1970 até o presente.	Antigas sociedades em desenvolvimento, agora baseadas na produção industrial e na livre-iniciativa. A grande maioria da população vive em cidades e metrópoles, poucos trabalham na agricultura. Grandes desigualdades de classe, mais pronunciadas que nas sociedades do Primeiro Mundo. Renda média <i>per capita</i> consideravelmente menor que nas sociedades do Primeiro Mundo. Incluem Hong Kong, Coreia do Sul, Cingapura, Taiwan, Brasil e México.

em regiões de terras bastante férteis – como deltas de rios. A facilidade de comunicação terrestre e o acesso a rotas marítimas também é importante: sociedades isoladas de outras por montanhas, densas florestas ou desertos tendem a permanecer relativamente inalteradas por longos períodos de tempo.

Todavia, a influência direta do meio sobre a mudança social não é tão grande. As pessoas geralmente são capazes de desenvolver uma riqueza produtiva considerável em regiões relativamente inóspitas. Isso é verdade, por exemplo, no caso dos alasquianos, que foram capazes de desenvolver recursos minerais e petrolíferos apesar da natureza hostil do seu meio. Por outro lado, as sociedades de caçadores-coletores muitas vezes viveram em regiões altamente férteis sem que tenham se envolvido na produção agrícola ou pastoril.

### Organização política

Um segundo fator de grande influência na mudança social é o modo de organização política. Nas sociedades de caçadores-coletores, essa influência é mínima, pois não existem autoridades políticas capazes de mobilizar a comunidade. Em todos os outros tipos de sociedade, porém, a existência de organismos políticos definidos – chefes, senhores, reis e governos – afeta fortemente o curso de desenvolvimento que a sociedade experimenta. Os sistemas políticos não são, como Marx acreditava, expressões diretas da organização econômica subjacente; tipos de organização política bem diferentes podem existir em sociedades cujos sistemas produtivos são semelhantes. Por exemplo, algumas sociedades baseadas no capitalismo industrial tiveram sistemas políticos autoritários (como a Alemanha nazista e a África do Sul do *apartheid*), enquanto ou-

tras são muito mais democráticas (como os Estados Unidos, a Grã-Bretanha e a Suécia).

O poderio militar desempenhou um papel fundamental no estabelecimento dos estados mais tradicionais, influenciando de maneira semelhante suas sobrevivência e expansão subsequentes. Mas as conexões entre o nível de produção e a força militar também são indiretas. Um governante pode optar por canalizar recursos para o desenvolvimento militar, por exemplo, mesmo que isso empobreça a maior parte da população – como aconteceu na Coreia do Norte sob os governos de Kim Il Sung e de seu filho, Kim Jong Il.

### *Fatores culturais*

A terceira principal influência sobre a mudança social consiste em fatores culturais que incluem os efeitos da religião, dos sistemas de comunicação e da liderança. A religião pode ser uma força tanto conservadora como inovadora na vida social (ver Capítulo 17, “Religião”, p. 425). Algumas formas de crenças e práticas religiosas atuaram como um freio contra a mudança, destacando sobretudo a necessidade de se aderir a rituais e valores tradicionais. Ainda assim, como enfatizou Max Weber, as convicções religiosas freqüentemente desempenham um papel mobilizador em pressões por mudança social.

Uma influência cultural particularmente importante que afeta o caráter e o ritmo de mudança é a natureza dos sistemas de comunicação. A invenção da escrita, por exemplo, permitiu a manutenção de registros, tornando possível um maior controle de recursos materiais e o desenvolvimento de organizações de larga escala. Além disso, a escrita alterou a percepção das pessoas da relação entre passado, presente e futuro. Sociedades que escrevem mantêm um registro de eventos passados e sabem que têm uma história. Compreender a história pode desenvolver uma percepção do movimento geral ou da linha de desenvolvimento que uma sociedade está seguindo, para que as pessoas possam então promover ativamente seu avanço.

No topo dos fatores culturais, devemos colocar também a *liderança*. Líderes individuais tiveram uma enorme influência na história mundial. Temos apenas que pensar em grandes figuras religiosas (como Jesus), líderes políticos e militares (como Júlio César), ou em inovadores na ciência e na filosofia (como Isaac Newton) para percebermos que é esse o caso. Um líder capaz de buscar políticas dinâmicas e de gerar multidões de seguidores ou de alterar modelos preexistentes de pensamento pode subverter uma ordem preestabelecida.

No entanto, indivíduos podem somente alcançar posições de liderança e tornarem-se efetivos sob condições sociais favoráveis. Adolf Hitler foi capaz de apossar-se do poder na Alemanha em 1930, por exemplo, em parte graças às crises e tensões que acoassavam o país na época. Se aquelas circunstâncias não houvessem existido, ele provavelmente teria permanecido uma figura obscura dentro de uma facção política menor. O mesmo é válido posteriormente para Mahatma Gandhi, o famoso líder pacifista na Índia durante o período após a Segun-

da Guerra Mundial. Gandhi conseguiu ser eficaz em assegurar a independência de seu país da Grã-Bretanha porque a guerra e outros eventos haviam desordenado as instituições coloniais na Índia.

### *Mudança no período moderno*

O que explica que os últimos 200 anos, o período da modernidade, tenham testemunhado uma aceleração tão grande na velocidade da mudança social? Essa é uma questão complexa, mas não é difícil apontar alguns dos fatores envolvidos. Podemos categorizá-los ao longo de linhas semelhantes a fatores que influenciaram a mudança social através da história, a não ser que absorvamos o impacto do meio físico dentro da importância geral dos fatores econômicos.

#### *Influências econômicas*

A indústria moderna difere de forma fundamental dos sistemas de produção preexistentes, pois envolve a constante expansão da produção e a acumulação cada vez maior de riqueza. Nos sistemas de produção tradicionais, os níveis de produção eram razoavelmente estáticos, pois eram adequados a necessidades habituais e costumeiras. O capitalismo promove a constante revisão da tecnologia de produção, um processo em que a ciência está cada vez mais envolvida. A taxa de inovação tecnológica promovida pela indústria moderna é muitíssimo maior do que em qualquer outro tipo anterior de ordem econômica.

O impacto da ciência e da tecnologia no nosso modo de vida pode ser largamente guiado por fatores econômicos, mas também extravasa a esfera econômica. A ciência e a tecnologia influenciam e são influenciadas por fatores políticos e culturais. O desenvolvimento científico e tecnológico, por exemplo, ajudou a criar formas modernas de comunicação, como o rádio, a televisão, a telefonia móvel e a internet. Esses meios eletrônicos de comunicação produziram mudanças na política em anos recentes (ver Capítulo 14, “Governo e Política”, p. 341). O uso que fazemos das mídias eletrônicas como a televisão e a internet também modelou a maneira que sentimos e pensamos sobre o mundo.

#### *Influências políticas*

O segundo maior tipo de influência sobre a mudança no período moderno consiste nos desenvolvimentos políticos. O confronto entre nações para expandir seu poder, desenvolver sua riqueza e triunfar militarmente sobre seus competidores tem sido uma dinâmica fonte de mudança ao longo dos últimos dois ou três séculos. A mudança política nas civilizações tradicionais estava normalmente confinada às elites. Uma família aristocrática, por exemplo, poderia substituir outra como governante, enquanto, para a maioria da população, a vida continuaria relativamente inalterada. Isso não se aplica aos sistemas políticos modernos, em que as atividades de líderes políticos e au-

toridades governamentais constantemente afetam as vidas da massa da população. Interna e externamente, a tomada de decisões políticas promove e direciona a mudança social muito mais do que em tempos anteriores.

O desenvolvimento político nos últimos dois ou três séculos certamente influenciou a mudança econômica tanto quanto a mudança econômica influenciou a política. Os governos agora desempenham um grande papel na promoção (e, às vezes, no retardamento) de taxas de crescimento econômico, e em todas as sociedades industriais há um alto nível de intervenção estatal na produção, sendo o governo, de longe, o maior empregador.

O poderio militar e a guerra também foram de grande importância. A força militar de nações ocidentais desde o século XVII permitiu-lhes influenciar todos os cantos do mundo – e propiciou um essencial reforço à disseminação global dos estilos de vida ocidentais. No século XX, os efeitos das duas Guerras Mundiais foram profundos: a devastação de muitos países levou ao processo de reconstrução que trouxe grandes mudanças institucionais, como na Alemanha e no Japão após a Segunda Guerra Mundial. Mesmo os Estados vitoriosos – como o Reino Unido – experimentaram grandes mudanças internas como resultado do impacto da guerra na economia.

### *Influências culturais*

Dentre os fatores culturais que afetam os processos de mudança social nos tempos modernos, o desenvolvimento da ciência e a secularização do pensamento contribuíram para o caráter *crítico e inovador* da percepção moderna. Não mais consideramos costumes e hábitos como aceitáveis meramente porque têm a autoridade da tradição. Pelo contrário, nossos modos de vida cada vez mais requerem uma base “racional”. Por exemplo, o projeto de um hospital não pode ser baseado especialmente em gostos tradicionais, mas deve considerar sua capaci-

dade de servir ao propósito de um hospital – efetivamente preocupado com os doentes.

Além do modo *como* pensamos, o *conteúdo* das idéias também mudou. Os ideais de auto-aperfeiçoamento, liberdade, igualdade e participação democrática são na sua maior parte criações dos últimos dois ou três séculos. Tais ideais serviram para mobilizar processos de mudança sociais e políticos, incluindo revoluções. Essas idéias não podem estar presas à tradição, mas sim, devem sugerir a constante revisão dos modos de vida na busca do aperfeiçoamento humano. Embora tenham sido inicialmente desenvolvidos no Ocidente, esses ideais tornaram-se genuinamente universais e globais em sua aplicação, promovendo a mudança na maioria das regiões do mundo.

### **Conclusão**

As mudanças que estão em curso hoje no mundo tornam diferentes culturas e sociedades muito mais interdependentes do que jamais foram. À medida que o ritmo de mudança acelera, o que ocorre em um ponto do planeta pode afetar diretamente outras regiões. Em parte por causa dos novos meios eletrônicos de comunicação mencionados anteriormente, vivemos muito mais nos “quintais dos outros” do que as gerações passadas. O sistema global não é apenas um ambiente dentro do qual sociedades específicas – como a Grã-Bretanha – se desenvolvem e se modificam. As conexões sociais, políticas e econômicas que atravessam as fronteiras entre países decididamente condicionam o destino dos que vivem em cada um deles. Consideraremos essa crescente interdependência da sociedade mundial no próximo capítulo, “Um mundo em mudanças”.

### **Pontos Principais**

1. O conceito de cultura é uma das mais importantes noções na sociologia. A cultura refere-se aos modos de vida dos membros de uma sociedade, ou de grupos dentro da mesma. Inclui a arte, a literatura e a pintura, mas também vai muito além. Outros itens culturais, por exemplo, são o modo de vestir das pessoas, seus costumes, seus padrões de trabalho e cerimônias religiosas.
2. Valores são idéias abstratas que definem o que é considerado importante, válido e desejável em uma dada cultura. Normas são regras de comportamento que refletem os valores de uma cultura. Os valores e as normas trabalham juntos para moldar o comportamento dos membros de uma cultura dentro de seu espaço. Os valores e as normas estão profundamente enraizados, mas podem mudar com o tempo.
3. Crenças e práticas culturais são extremamente diversas. O etnocentrismo é a prática de julgar outras culturas em comparação com a própria. Os sociólogos tentam empregar o relativismo cultural – o estudo de uma cultura em termos de seus próprios significados e valores.
4. Os humanos aprendem as características da cultura através do processo de socialização. Órgãos de socialização são grupos ou contextos sociais nos quais ocorrem processos significativos de socialização. A socialização na infância é o processo pelo qual, através do contato com outros seres humanos, a criança indefesa gradualmente se torna um ser humano autoconsciente e instruído, hábil nos costumes de sua cultura.
5. A identidade refere-se ao entendimento que as pessoas têm sobre quem são e o que é importante para elas. A identidade social descreve as características que são atribuídas a um indivíduo por outros. Essas atribuições são amíúde feitas com base nos grupos sociais a que um indivíduo parece pertencer – como homem, asiático ou cató-

lico – e marcam de que forma um indivíduo é igual a outros. A auto-identidade, ou a identidade pessoal, nos diferencia como indivíduos distintos. Refere-se ao juízo singular de si mesmo que é produzido pelo autodesenvolvimento e pela constante interação do indivíduo com o mundo exterior.

6. Uma sociedade é um conjunto de relacionamentos que conectam indivíduos. Muitos tipos de sociedades pré-modernas podem ser distinguidos. Em sociedades de caçadores-coletores, as pessoas podem sobreviver colhendo plantas e caçando animais. Sociedades pastoris são aquelas que criam animais domesticados como suas maiores fontes de subsistência. As sociedades agrárias dependem do cultivo de lotes fixos de terra. Maiores, mais desenvolvidas, as sociedades urbanas formam as civilizações tradicionais.
7. Nas sociedades industriais, a produção industrial torna-se a base principal da economia. A maioria da população vive em áreas urbanas, e organizações em larga escala influenciam as vidas de quase todos. As sociedades industriais foram os primeiros estados-nações, comunidades políticas divididas entre si por limites claramente definidos.
8. O desenvolvimento das sociedades industrializadas e a expansão do Ocidente levaram à conquista de muitas partes do mundo, e o processo de colonização alterou radicalmente culturas e sistemas sociais há muito estabelecidos.
9. Os países industrializados do Ocidente, além do Japão, da Austrália e da Nova Zelândia, vieram a ser conhecidos como Primeiro Mundo, ou mundo desenvolvido. O Segundo Mundo referia-se às sociedades industrializadas dirigidas por governos comunistas, na antiga União Soviética e no Leste Europeu. Desde o fim da Guerra Fria, um período de confronto armado entre países do Primeiro e Segundo Mundos, o Segundo Mundo efetivamente desapareceu.
10. Os países que eram colônias e que se encontram num nível baixo de industrialização vieram a ser chamados de Terceiro Mundo, ou de mundo em desenvolvimento. A maior parte da população mundial vive no mundo em desenvolvimento. Os novos países industrializados são aqueles países em desenvolvimento que embarcaram em um processo de industrialização e experimentaram rápido crescimento econômico.
11. O período moderno, aproximadamente do século XVIII até os dias de hoje, tem visto uma extraordinária aceleração no processo de mudança. Provavelmente mais mudanças profundas ocorreram nesse período, que é uma diminuta fração de tempo na história da humanidade, do que em toda a existência anterior da humanidade.
12. Nenhuma teoria com base em um “fator isolado” pode explicar toda a mudança social. Um número de importantes influências sobre a mudança pode ser percebido, dentre os quais a adaptação ao meio material. Outros incluem o meio físico, a organização política e os fatores culturais.
13. Dentre os importantes fatores da moderna mudança social estão a expansão do capitalismo industrial, o desenvolvimento de estados-nações centralizados, a industrialização da guerra e o surgimento da ciência e das formas de pensamento “racional” ou críticas.

### Questões para Reflexão

1. Cada sociedade tem uma cultura própria?
2. De que forma a socialização difere da doutrinação ou da lavagem cerebral?
3. Qual é a relação entre auto-identidade e nossas identidades sociais?
4. Quão significativa é a socialização primária em sociedades complexas e rapidamente mutáveis?
5. O que retarda o desenvolvimento do Terceiro Mundo?
6. Quão importantes são os “grandes líderes” nos processos de mudança social?

### Leitura Complementar

Ruth Benedict, *Patterns of Culture* (New York: Mentor Books, 1946)

Brian M. Fagan, *People of the Earth* (London: Harper Collins, 1992)

Leslie Holmes, *Past-Communism: An Introduction* (Cambridge: Polity, 1996)